

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

***VENI CREATOR SPIRITUS: O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA
LITURGIA DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PÓS-VATICANO II***

YAGO BARBOSA FERREIRA

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

***VENI CREATOR SPIRITUS: O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA
LITURGIA DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PÓS-VATICANO II***

YAGO BARBOSA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso da
Faculdade de Teologia da Pontifícia
Universidade de São Paulo, sob a
orientação do Prof. Dr. Pe. Sidnei
Fernandes Lima para obtenção do
título de bacharel.

São Paulo

2022

YAGO BARBOSA FERREIRA

***VENI CREATOR SPIRITUS: O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA
LITURGIA DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PÓS-VATICANO II***

Trabalho de Conclusão de Curso da
Faculdade de Teologia da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo para
obtenção do título de bacharel.

Aprovado em _____ de 20____

ORIENTADOR: Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima

DEDICATÓRIA

O presente trabalho é dedicado primeiramente à Igreja Latina, na esperança que o Espírito Santo possa ser cada vez mais amado, conhecido e estudado, afim de que possamos compreender e experimentar cada vez mais a presença do “Senhor que dá a vida” e que possamos continuamente escutar “o que o Espírito diz à Igreja” (Ap 2,7).

Dedico igualmente este trabalho às Igrejas do Oriente, comunidades autenticamente cristãs que compreendem e experimentam o Espírito em sua vivência de fé de maneira muito mais ampla do que podemos compreender no Ocidente e muito nos inspiraram no desenvolvimento deste trabalho.

Também dedico este trabalho ao Excelentíssimo Dom Cícero Alves de França, que muito nos inspirou a amar e procurar compreender o Espírito Santo, verdadeiro formador de todo sacerdote.

Por fim, dedico ainda este trabalho aos seminaristas do Seminário Imaculada Conceição da Arquidiocese de São Paulo e a todos os amigos seminaristas, na certeza de que o Espírito do Senhor nos une e nos fortalece.

AGRADECIMENTOS

“O Espírito do Senhor está sobre mim” (Lc 4,18)

Antes de mais nada, agradeço a Deus, que pelo sopro de sua *ruah* encheu-me de vida e continua a encher-me de vida nova pelo envio de seu Espírito a cada vez que celebramos o mistério de nossa salvação.

Agradeço à minha família, primeira comunidade pneumatológica da minha experiência de fé; de maneira especial, agradeço à grande matriarca de minha família, a Sra. Luiza Maria da Conceição Barbosa (*in memoriam*), que mistagógicamente e inspirada pelo Espírito me iniciou na fé e me fez adentrar e experimentar a graça salvífica de Deus em minha história.

Meu agradecimento se estende à Sua Excelência Reverendíssima Dom Cícero Alves de França, bispo titular de *Missua* e auxiliar de São Paulo, que tive a graça de ter como reitor, na certeza de que as mais profundas inspirações do Espírito lhe inspiraram as muitas palavras de auxílio e incentivo ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, lhe sou imensamente grato.

Ainda manifesto meu agradecimento ao Eminentíssimo Senhor Cardeal, Dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo, pela sua solicitude pastoral e constante incentivo no desenvolvimento acadêmico das vocações em nossa Igreja particular, dentre estas, me incluo. Na pessoa do Senhor Cardeal, agradeço igualmente a toda a Arquidiocese de São Paulo, Igreja Mãe que me acolheu e me forma constantemente.

Por fim, agradeço ao Prof. Dr. Pe. Sidnei Fernandes Lima, professor desta universidade e vice-reitor do Seminário Bom Pastor de nossa Arquidiocese de São Paulo, que atenciosa e dedicadamente me acompanhou no desenvolvimento deste trabalho.

*“Oh vinde, Espírito Criador,
as nossas almas visitai
e enchei os nossos corações
com vossos dons celestiais.*

*Vós sois chamado o Intercessor,
do Deus excelso o dom sem par,
a fonte viva, o fogo, o amor,
a unção divina e salutar.*

*Sois doador dos sete dons,
e sois poder na mão do Pai,
por ele prometido a nós,
por nós seus feitos proclamais.*

*A nossa mente iluminai,
os corações enchei de amor,
nossa fraqueza encorajai,
qual força eterna e protetor.*

*Nosso inimigo repeli,
e concedei-nos vossa paz;
se pela graça nos guiais,
o mal deixamos para trás.*

*Ao Pai e ao Filho Salvador
por vós possamos conhecer.
Que procedeis do seu amor
fazei-nos sempre firmes crer!”*

(Hino Veni Creator)

FERREIRA, Yago Barbosa. *VENI CREATOR SPIRITUS: O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA LITURGIA DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PÓS-VATICANO II*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2022.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar e evidenciar o papel do Espírito Santo no desenvolver do rito da celebração eucarística, tal como foi estabelecido após o Concílio Vaticano II. O presente trabalho divide-se em três partes, nas quais apresenta-se os pressupostos históricos sobre o Espírito; uma análise do rito da celebração da Eucaristia sob a perspectiva pneumatológica e por fim uma apresentação da consequência da relação entre celebração e Espírito.

Podemos perceber sem muito esforço, que em nosso tempo, entre os fiéis não encontramos uma compreensão clara de quem é e como age o Espírito, menos ainda na perspectiva litúrgica, levando-os muitas vezes à uma compreensão equivocada da terceira pessoa da Trindade, confundindo sua ação na liturgia à pretensos “shows pneumatológicos”, imbuídos de grandes manifestações emotivas, mas que nada têm de relação com aquilo que crê a Igreja. Não bastando isso, os equívocos frequentemente se estendem igualmente a compreensão da ação do Espírito, que por vezes é entendida sob a ótica de manifestações ocorridas em encontros de movimentos católicos, manifestações estas, nem sempre claras e comumente estranhas à fé que professamos.

Desta forma, torna-se ímpar compreender quem é e como age o Espírito, a partir da liturgia, espaço e momento onde a fé autêntica da Igreja é celebrada e professada, sendo a celebração litúrgica o momento seguro para tal e particularmente na celebração da eucaristia, momento ápice da celebração do mistério cristão.

Palavras-chave: Liturgia; Pneumatologia; Espírito; Mistagogia; Celebração.

ABSTRACT

This work intends to analyze and highlight the role of the Holy Spirit in the development of the rite of the Eucharistic celebration, as established after the Second Vatican Council. The present work is divided into three parts, in which the historical assumptions about the Spirit are presented; an analysis of the rite of the celebration of the Eucharist from a pneumatological perspective and, finally, a presentation of the consequence of the relationship between celebration and Spirit.

We can see without much effort that in our time, among the faithful, we do not find a clear understanding of who the Spirit is and how he acts, even less in the liturgical perspective, often leading them to a misunderstanding of the third person of the Trinity, confusing their action in the liturgy to so-called “pneumatological shows”, imbued with great emotional manifestations, but which have nothing to do with what the Church believes. If this is not enough, misunderstandings often extend to the understanding of the action of the Spirit, which is sometimes understood from the perspective of manifestations that occurred in meetings of Catholic movements, manifestations that are not always clear and commonly alien to the faith we profess.

In this way, it becomes unique to understand who the Spirit is and how he acts, starting from the liturgy, space and moment where the authentic faith of the Church is celebrated and professed, the liturgical celebration being the safe moment for this and particularly in the celebration of the Eucharist., the climax of the celebration of the Christian mystery.

Keywords: Liturgy; Pneumatology; Spirit; Mystagogy; Celebration

LISTA DE SIGLAS

- AG – Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja
- CIC – Catecismo da Igreja Católica
- DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina
- DeV – Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*
- DS - DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.
- EE – Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*
- EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
- IGMR – Instrução Geral do Missal Romano
- IGLH - Instrução Geral da Liturgia das Horas
- LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*
- MR – Missal Romano
- RP – Ritual da Penitência
- RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio*
- SCa – Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*
- SC – Constituição *Sacrosanctum Concilium*
- UR – Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo
- VD – Exortação Apostólica *Verbum Domini*

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS DA PNEUMATOLOGIA	13
1.1 Introdução	13
1.1.1 Características fundamentais do Espírito.....	13
1.1.2 Características bíblicas do Espírito	15
1.1.3 O Espírito Santo no Período Patrístico	21
1.2 A pneumatologia no Concílio Vaticano II e no pós-Concílio	25
1.3 A reforma litúrgica e a pneumatologia.....	29
1.4 Considerações preliminares.....	31
Capítulo II - A PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO NOS RITOS DA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA	33
2.1 Introdução	33
2.2 O Espírito Santo nos Ritos Iniciais e na Liturgia da Palavra	33
2.2.1 A procissão de entrada	34
2.2.2 Sinal da Cruz.....	34
2.2.3 Saudação Inicial.....	36
2.2.4 Ato Penitencial	36
2.2.5 Oração do Dia ou “Coleta”	37
2.2.6 Liturgia da Palavra	38
2.3 O Espírito Santo na Liturgia Eucarística	40
2.3.1 A Oração Eucarística	42
2.3.2 Rito da Comunhão	46
2.4 Considerações preliminares.....	49
CAPÍTULO III - O EFEITO DA PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO: LITURGIA FONTE ESPIRITUALIDADE	50
3.1 Introdução	50
3.2 Liturgia como fonte e ápice da espiritualidade	50
3.2.1 Espiritualidade Bíblica	52
3.2.2 Espiritualidade Cristológica	54
3.2.3 Espiritualidade Pascal.....	54
3.2.4 Espiritualidade Eclesial	56
3.3 Liturgia como meio de santificação dos fiéis	57
3.4 Mistagogia: vivência e experiência do Espírito e dos mistérios na liturgia	59
3.5 Considerações preliminares.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja Católica sempre teve muito presente e muito clara a consciência de que o Espírito Santo é aquele que a guia e conduz, uma vez que “a Igreja toda aparece como um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, 4), e mais ainda, tem a consciência de que “serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo” (LG, 8).

Essa consciência da relação do Espírito com a Igreja, nós a encontramos muito forte desde as origens do cristianismo; uma consciência de que o Espírito conduzia e santificava os cristãos e a Igreja. No acontecimento de Pentecostes (At 2) encontramos o início de uma marca perene que faria “a Igreja Apostólica primitiva um verdadeiro ícone visível da presença e da ação do Espírito Divino” (MAQUEDA, 2020, p.18).

O Concílio Vaticano II (1962-1965), embora não tenha dedicado nenhuma reflexão particular ao Espírito Santo, não deixou de mencioná-lo inúmeras vezes em seus documentos e nem mesmo deixou de confiar que dignou-se “o Divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra”¹ e assim auxiliar a Igreja na realização do Concílio. Para muitas pessoas, o Concílio representou “um novo Pentecostes” para a Igreja, e outros como viram-no como “o Concílio do Espírito Santo”.

Este “Concílio do Espírito Santo”, estava repleto de movimentos que pediam novos enfoques e atenções para determinados temas e áreas da fé e da teologia. Dentro do movimento conciliar, um dos maiores destaques que encontramos é o conhecido movimento litúrgico que já bem antes da realização do Concílio, pedia uma reforma da liturgia em vista de uma melhor participação do mistério divino, o que se resumiu posteriormente em uma participação “plena, consciente e ativa” (SC, 14), que fez com que o primeiro documento do Concílio fosse justamente voltado à reflexão e consequentemente à reforma da liturgia.

A liturgia é, por força própria da origem da palavra, um “serviço por parte do povo a favor do povo” (CIC, 1069), todavia, não podemos esquecer que é culto

¹ JOÃO XXIII. Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, para a convocação do Concílio Vaticano II. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em 03.05.2022.

prestado a Deus, oferta a Deus Pai, no Filho, por meio do Espírito.

No que diz respeito ao Espírito em particular, “é necessário despertar em nós a consciência da função decisiva que exerce o Espírito Santo no desenvolvimento da forma litúrgica e no aprofundamento dos mistérios divinos” (SCa 12). Entretanto, nos anos posteriores ao Concílio, não somente a reflexão sobre o Espírito Santo ficou um tanto quanto marginalizada, como também sua influência sobre a liturgia foi pouco desenvolvida no período pós-conciliar.

O presente trabalho pretende, pois, promover a reflexão acerca da presença do Espírito Santo no rito da liturgia da Eucaristia tal como nos é apresentada a partir da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, apresentando justamente a carência de compreensão por parte dos fiéis, da manifestação pneumatológica, particularmente na liturgia; a maneira como se desenvolve a relação liturgia-Espírito Santo e os efeitos que o Espírito produz na vida dos fiéis a partir da liturgia.

O trabalho estrutura-se em três partes: na primeira apresenta os aspectos históricos da pneumatologia a partir do Vaticano II, perpassando a Sagrada Escritura, os Santos Padres, o período conciliar e pós-conciliar até chegar na relação entre reforma litúrgica e pneumatologia; na segunda analisa a estrutura da celebração da Eucaristia, evidenciando nos diversos momentos da celebração a presença do Espírito Santo; na terceira parte apresenta o efeito da presença do Espírito na liturgia, tornando-a fonte de espiritualidade, mostrando as várias perspectivas na qual se desenvolve a vida espiritual em sua relação com o Espírito.

Por fim, pretende-se, a partir do estudo do desenvolvimento do pensamento teológico sobre o Espírito, bem como dos textos litúrgicos presentes no rito da celebração da Eucaristia, buscar caminhos para uma maior compreensão do Espírito Santo nos próprios ritos da celebração eucarística, quer dentro do campo teológico, quer na vida prática dos fiéis.

CAPÍTULO I

ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS DA PNEUMATOLOGIA

1.1 Introdução

A pneumatologia, ciência teológica que versa sobre o Espírito Santo, caracteriza-se como um dos campos mais delicados da teologia, seja por causa das inúmeras controvérsias que envolveram a reflexão sobre o Espírito ao longo dos tempos, seja pela dificuldade de se usar uma linguagem adequada à realidade divina, vemos que em muitos espaços, não ficou clara a compreensão do Espírito, justamente por essa deficiência de compreensão.

Podemos perceber a necessidade e o grande desafio que consiste em, dentro da teologia atual, propor uma pneumatologia que possa alcançar aos homens e mulheres de nosso tempo, fazendo sentido em sua existência e vivência no mundo. (VELIQ, 2016, p.697).

Assim, o presente capítulo busca identificar quem é o Espírito, partindo daquilo que a fé cristã crê doutrinal e teologicamente, apresentar sua presença na história, buscando na Sagrada Escritura os primeiros sinais que nos apontem ao Espírito Santo, perpassando pela reflexão dos Santos Padres e refletindo enfim sobre a pneumatologia relacionada ao Concílio Vaticano II.

1.1.1 Características fundamentais do Espírito

O Espírito Santo, é por vezes desconhecido ou equivocadamente conhecido, prova disso é o florescimento de tantos segmentos pentecostais ou neopentecostais nas últimas décadas, inclusive no interior da própria Igreja Católica, que concebem uma interpretação equivocada, por vezes emotiva e unilateralmente pneumatocêntrica, sem compreender de fato quem é o Espírito Santo, de como deve ser corretamente invocado ou como Ele age na vida da Igreja.

Partindo de uma definição objetiva, “o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. É igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e da mesma natureza”

(LACOSTE, 2004, p. 653). A Sagrada Escritura nos apresenta duas concepções do Espírito: רִיחַ (*Ruah*) e πνευμα (*Pneuma*). O termo *Ruah* de origem hebraica, “em seu sentido primeiro significa sopro, ar, vento” (CIC, §691) mas, “designa também o espírito do homem, no sentido psíquico do termo” (LACOSTE, 2004, p. 650); o termo *pneuma*, por sua vez, de origem grega “designa então o sopro, o espírito de vida, mas também o homem em sua totalidade ou ainda o homem visto sob o aspecto de sua interioridade” (LACOSTE, 2004, p. 650), assim, “o espírito-sopro é antes de tudo aquele que faz agir de modo a realizar o desígnio de Deus na história” (CONGAR, 2005, p. 19-20) e não somente isso, vemos que o Espírito é criador e gerador da vida, é aquele que leva à cabo o ato criador do Pai e plenifica a obra da criação enchendo-a de vida.

Estas definições, podemos dizer, mais sistemáticas nos apresentam, como dissemos, uma definição objetiva das características mais marcantes, e fundamentais a respeito do Espírito Santo, todavia, além destas definições, é preciso ainda compreender que o Espírito Santo,

Não é uma força diferente do ser de Deus ou da realidade pessoal de Deus ou uma ação no âmbito da criação. Mais do que isto, Ele é Deus mesmo à medida que atua na criação [...] Ele é o Espírito de Javé Eloim, o Espírito de Deus” (MÜLLER, 2015, p.281).

Na Sagrada Escritura, temos diversas alusões diretas ou indiretas sobre o Espírito Santo, todavia, no Novo Testamento encontramos a referência que mais marca sua presença pós-pascal na vida da Igreja: o Pentecostes (At 2,1-13). O Pentecostes marca o derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos, e assim, torna-se o marco fundante da Igreja e ao mesmo tempo é o momento que sela a presença do Espírito junto da Igreja, marca definitivamente que o Espírito veio sobre aqueles a quem Jesus escolheu e a partir de então, deveria os conduzir.

O acontecimento de Pentecostes evidencia o caráter de comunhão que o Espírito promove na vida da Igreja, pois, se no acontecimento bíblico da torre de Babel (Gn 11,1-9) Deus confunde os homens, tornando diversas suas línguas e assim, os dividindo, em Pentecostes por sua vez, Deus envia seu Espírito para reunificar os homens que passam a compreender a língua dos apóstolos, que falavam cada um segundo a sua língua materna (Cf. At 2,8).

Vemos a marca da presença do Espírito no Pentecostes e sua presença junto à Igreja, justamente por isso, é deveras importante termos uma compreensão profunda e clara a respeito das características mais importantes sobre o Espírito Santo, para que possamos compreender claramente que Ele é Aquele que atua objetivamente em nossa vida cristã, que ele continua a dar-nos a vida e a gerar a vida nova na Igreja. O Concílio Vaticano II, embora não tenha tratado diretamente do Espírito Santo em um documento específico, abriu espaço para que a Igreja pudesse recuperar a reflexão e a compreensão de quem é o Espírito, isso porque,

Até a realização do Concílio Vaticano II, tinha-se a amarga constatação de que o Espírito Santo era o grande esquecido e o eterno desconhecido tanto da piedade cristã quanto da vivência eclesial e das reflexões sistemáticas da teologia” (FRANGIOTTI, p.21).

O Concílio Vaticano II torna-se então, um acontecimento particular na vida da Igreja e sobretudo, ao voltar-se para as fontes da fé, deu espaço para que reflorescesse na vida da Igreja um desejo de buscar conhecer o Espírito Santo, de buscar haurir dele as graças mais fecundas em vista do crescimento do trabalho apostólico e da missão da Igreja, e sobretudo, buscando conhecer como o Espírito age no mundo.

1.1.2 Características bíblicas do Espírito

O conceito de Espírito Santo que a teologia conhece, tem sua origem própria na Sagrada Escritura, como bem afirma Müller: “ tem origem no uso bíblico: hebraico (רוח); grego (πνευμα); latino *spiritus sanctus*” (2015, p.281).

Na literatura bíblica do Antigo Testamento, não encontramos propriamente um desenvolvimento pneumatológico, um tratado científico sobre o Espírito ou sequer uma reflexão pneumatológica, mas as raízes do que posteriormente viria a se tornar o discurso e o estudo sobre o Espírito, que na perspectiva bíblica sequer tinha a compreensão do Espírito como uma pessoa. Há uma forte compreensão do Espírito Santo como o “Espírito de Deus”, o que ainda não é uma compreensão clara, percebemos do povo do Antigo Testamento “que quando se referiam ao Espírito de Deus consideravam o Espírito Santo um atributo ou vontade de Deus” (BAYLÃO, 2016, p.21) e sua ação está intimamente

relacionada com a revelação de Deus e com sua ação de libertação.

A primeira importante referência, se podemos ousar dizer a mais importante, em relação ao Espírito Santo no Antigo Testamento, nós a encontramos no primeiro relato da criação em Gênesis 1,2, onde o Espírito é apresentado pairando sobre as águas, a רוח (Ruah) de Deus estava presente no início de tudo e desta mesma forma, “a Ruah que adejava sobre o caos primitivo, reaparece no dilúvio (Gn 8,6-12), no batismo de Jesus (Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22) e na hora derradeira (Jo 19,30)” (MILAK, 2012, p.55), momentos fundamentais de nova criação, tanto em um aspecto natural como no caso do dilúvio, quanto no aspecto espiritual como no batismo ou na hora derradeira.

Ainda no mesmo livro do Gênesis, outra importante manifestação do Espírito está em relação à criação do homem, “Ele modela o homem com a argila do solo e insufla em suas narinas um hálito de vida que o torna um ser vivente (Gn 2,7), um ser animado por um sopro vital, a Ruah” (MILAK, 2012, p.56), deste modo, o Espírito não somente orienta a criação, mas preenche o homem (ápice da criação) de vida, e percebemos então, que “a presença do Espírito é a força intangível que mantém o mundo vivo, infundindo energia [vital] na vida dos seres humanos e da natureza por igual” (JOHNSON, Elizabeth A. In CONCILIUM, 2011, p.24. [tradução nossa]) assim, temos uma clara apresentação do Espírito enquanto criador, ou gerador de vida, a Ruah de Deus gera, cria e aperfeiçoa vida, pois “a ação do Espírito aperfeiçoa e leva a criação ao seu destino, vivificando tudo o que é bom e belo” (*Ibidem*).

A afirmação de que o Espírito Santo é o doador da vida, ganhará força ainda maior quando o termo *Ruah* reaparece em Ezequiel 37. Os versículos 5 e 6 deste capítulo de Ezequiel usam o termo *Ruah* quando o profeta se vê diante de ossos ressequidos (vs 1) e ouve: “eis que vou fazer com que sejam penetrados pelo espírito [רוח] e vivereis” (vs 5) e “porei em vós o meu espírito [רוח] e vivereis” (vs 6), o texto do profeta Ezequiel apresenta com clareza única que a presença do Espírito, compreendido como *Ruah*, é o que gera vida, e como bem vemos no texto do profeta, não somente gera, mas devolve a vida, enche de plenitude com a força divina. Segundo a ordem do Senhor, pela palavra do profeta a vida retorna em duas fases: os corpos são remodelados a partir de dentro e o sopro vital é insuflado (vs. 7-10; Ez 36,27-28; Gn 2,7).

A menção do profeta Ezequiel abre-nos ainda à perspectiva de que a missão de todos os profetas estava relacionada com o Espírito, isso porque, como nos afirma Michael Böhnke: “a tradição do Antigo Testamento conhece relatos nos quais se descreve que e

como profetas são apreendidos pelo Espírito (cf., por ex., 1Sm 19,18-24)” (2020, p.122), de fato, os profetas tornam-se “porta-vozes” de Deus, e não se poderia imaginar tal ação se não fosse imbuída e conduzida pelo Espírito, pois, “a pessoa divina que assiste o profeta é a pessoa do Espírito Santo.” (MANZATTO, 2013, p.82).

A ação do Espírito nos profetas, conduz sempre à vida, à libertação do mal e ao reestabelecimento da justiça, assim, os profetas, no Antigo Testamento se tornam o meio eficaz para esta ação do Espírito no mundo e assim, vemos com clareza que “o profeta é apreendido pelo Espírito de Deus, torna-se seu instrumento, e o Espírito fala através de sua boca” (BÖHNKE, 2020, p.123), realizando a obra de Deus na vida do povo.

De maneira particular, à luz dos evangelhos, vemos no Novo Testamento manifestações do Espírito que marcam profundamente a vida de Jesus e a vida da comunidade cristã. Nós vemos no evento do Batismo do Senhor (Mc 1,9-11), um importante marco pneumatológico, visto que,

O evento do batismo de Jesus narrado por Marcos possui um peso pneumatológico importante, pois, antes desse evento os compatriotas de Jesus não viam nele nada de especial, mas, após o batismo, Jesus passa a agir pela força do Espírito Santo. (CONGAR, Yves *apud.* BAYLÃO, 2016, p.29).

Vemos assim, que o Espírito não somente gera a vida de Jesus, mas também qualifica sua obra, conduz sua missão e faz suas ações credíveis, ungiendo-o com a força necessária para levar sua obra à cabo e manifestando a comunhão trinitária que existe na sua missão, uma vez que nesta passagem do Batismo do Senhor,

Torna-se especialmente claro que há uma unidade entre Deus, o Pai, o Filho messiânico de Deus e o Espírito de Deus, que tem sua origem e seu meio na vontade reveladora do Pai” (MÜLLER, 2015, p.288).

E não somente isso, na sua missão redentora, Jesus tem uma fonte que o nutre para realizar o plano divino em relação à humanidade, pois, como recorda-nos Manzatto: “O Espírito Santo é que anima Jesus em sua vida, lhe dando coragem, perseverança e fidelidade no cumprimento de sua missão” (2013, p.85), deste modo, o acontecimento do Batismo, acrescenta à missão de Jesus uma forte característica veterotestamentária de libertação, pois, “Jesus se tornou libertador na ação do Espírito, que impelia sua vivência e O fazia agir em nome de Deus” (NIENOV, 2014, p.58), essa característica, fortemente messiânica é um elemento forte da presença do Espírito no Novo Testamento, que recorda

a continuidade da ação de Deus junto do povo de Israel e após este acontecimento do Batismo de Jesus, dar-se-á o início da missão de Jesus, fundamentada e guiada pelo Espírito.

Seguido ao Batismo de Jesus, encontramos, Jesus no deserto. Os Sinóticos concordam na redação ao dizer que Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espírito (Mt 4,1; Mc 1,12; Lc 4,1) e esse momento em que Jesus se encontra no deserto orientado pelo Espírito, torna-se igualmente um momento de grande importância, neste espaço profundamente espiritual, onde Jesus se prepara para sua missão, o Espírito Santo modela-o em vista do Reino, pois,

O Espírito que desce sobre Jesus no batismo, o acompanha na realização de sua missão. O conduz ao deserto, onde se depara com as tentadoras propostas de um messianismo de poder e prestígio. Porém, a força do Espírito que n'Ele habita, o mantém firme na opção de um messianismo profético de amor-serviço, no qual impõe-se a humildade do Servo (Lc 4,1-13). (MILAK, 2012, p.62).

Naturalmente a experiência de Jesus no deserto mostra-se intensa, em razão das tentações que sofre, mas estas, atestam da mesma forma a força que o Espírito incutia em Jesus para que ele fosse fiel à sua missão redentora e o próprio Jesus atesta sua união com o Espírito, quando de volta do deserto se encontra na sinagoga e exclama, pelas palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim” (Lc 4,18).

Este acontecimento da sinagoga, corrobora de maneira única e singular a relação Espírito-Jesus e é o ponto alto da experiência que Jesus faz do Espírito em sua vida, de fato, “desde a encarnação, Jesus é conduzido pelo Espírito. No batismo a efusão do Espírito confirma a sua divindade, assim como Ele mesmo se autoproclama na Sinagoga” (NIENOV, 2014, p.107). Essa ousada e providencial proclamação, sai dos lábios de Jesus como cumprimento da profecia, Jesus é de fato O ungido do Pai com o Espírito e faz questão de confirmar isso quando diz: “hoje realizou-se essa Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4,21), vemos, pois, que o próprio Senhor tem consciência de sua missão pneumatófora e a assume com total clareza e confiança.

Bem sabemos que a missão à qual o Espírito conduziu o Senhor, desenrolou-se em diversos momentos e aspectos, que dá vida particular de Jesus, quer da vida do povo de Israel ou ainda na vida de pessoas específicas em momentos particulares, mas toda a missão de Jesus teve seu ápice no sacrifício da cruz, e justamente neste momento crucial, ponto culminante da experiência pascal de Jesus pela morte, o Espírito manifesta sua união

e presença junto do Salvador, vemos que,

Jesus promete, anuncia e derrama o Espírito sobre os seus, gesto simbolicamente antecipado na cruz, quando Jesus emite o seu último suspiro [...] enquanto de seu lado aberto joram sangue e água, preanunciando a efusão do Espírito que se dá na vida sacramental da Igreja. (MILAK, 2012, p.68).

É muitíssimo importante ter em vista esta relação do Espírito no momento da morte do Senhor, entretanto, sendo o Espírito Santo o autor da vida, não deixou que a morte tivesse a palavra final sobre o Senhor, e fez plena a vida do Cristo quando no acontecimento da Páscoa o ressuscitou dos mortos, “o evento pascal e a fé pascal são uma ação do Espírito vivificador e doador da fé do Pai e do Filho” (MÜLLER, 2015, p.288). Assim, a ressurreição torna-se também um momento de criação, o Espírito recria e dá a oportunidade de uma nova vida a partir da ressurreição do Senhor, “a ressurreição de Jesus é o início de uma nova criação que é o fruto do poder de Deus por meio do Espírito Santo” (SANTANA, 2015, p.108).

A experiência pascal desenvolve-se na vida da Igreja como um momento não somente importante, mas decisivo para o desenvolver da própria fé, é fato que “a Igreja tem suas raízes em Jesus, mas vê seu desabrochar com o Mistério Pascal e a efusão do Espírito” (CODINA, 2008, p.39. [tradução nossa]), assim, vemos como a Páscoa de Jesus, acontecimento vivificante na vida do Senhor e celebrada continuamente pela Igreja na liturgia, está intimamente relacionada com o Espírito, haurindo Dele sua força vital, tal como o fez o Senhor Jesus; definitivamente, vemos que “a Páscoa constitui a experiência instituidora da Igreja, fundamentada tanto no movimento profético de Jesus, quanto na experiência pascal possibilitada pelo dom do Espírito” (CODINA, 2008, p.76).

O resultado desta experiência da ressurreição, é a expansão da Igreja, que tem seu início propriamente dito um acontecimento pneumatológico de forte marca na vida dos cristãos, isto é, o Pentecostes (At 2). O acontecimento de Pentecostes é um momento decisivo na história da fé cristã e conseqüentemente no estudo da pneumatologia, pois “é neste evento de suma importância para a Igreja que ela recebe o Espírito Santo e é impulsionada por Ele ao anúncio do evangelho para o mundo” (BAYLÃO, 2016, p.35), esse acontecimento do Espírito é para a Igreja o marco fundamental de sua missão, pois o “Pentecostes foi para a Igreja o que batismo foi para Jesus. Pelo dom e pela força do Espírito a Igreja nascente é consagrada, autorizada e habilitada ao ministério, à missão e ao testemunho” (CONGAR *apud* MILAK, 2012, p.62-63).

O maior destaque do Pentecostes, é a unidade que o Espírito promove. Como foi falado acima, o Pentecostes torna-se um contraponto ao acontecimento da torre de Babel (Gn 11,1-9), pois, se no Pentecostes encontramos o nascimento da Igreja, também aí encontramos a unidade que o Espírito promove em vista da missão, essa unidade se manifesta de maneira quando ouvimos: “não são todos galileus estes que falam? Como é, pois, que cada um de nós os ouve em sua própria língua materna? (At 2,7), ora, se em Babel o Senhor confunde os homens, em Pentecostes o Senhor faz com que todos se entendam novamente no Espírito,

Pentecostes é, assim, a revelação da presença do Espírito Santo no meio dos homens, afim de possibilitar a tarefa da evangelização, isto é, do anúncio da salvação de Deus manifestada aos homens todos em Jesus Cristo. (MANZATTO, 2013, p.86).

Depois do acontecimento pneumatológico do dia de Pentecostes, o Espírito ganhará grande acento bíblico na obra paulina. São Paulo, torna-se no Novo Testamento um grande propagador do Espírito, dando fundamentos de imensa importância ao que se tornará no futuro o estudo do Espírito Santo, isto é, a pneumatologia.

A pneumatologia paulina está intimamente ligada à sua experiência de conversão, a partir do encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco. Paulo não conheceu Jesus, mas demonstra conhecê-lo profundamente: “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, Deus o revelou a nós pelo Espírito, pois o Espírito sonda todas as coisas” (1Cor 2,9-10). (MILAK, 2012, p.70)

Paulo, coloca o Espírito como “pano de fundo” de toda sua teologia e apresenta conceitos que se tornaram essenciais para compreender a vida e a fé das comunidades cristãs nascentes, como “vida no Espírito” (Gl 5,5; Rm 8,9); “doação do Espírito” (4,6); “presença do Espírito em nós” (1Cor 3,16); “Espírito que dá a vida” (1Cor 15, 45) e sobretudo, o conceito de “homem espiritual” ou *pneumatikós* (1Cor 3,1).

Os escritos paulinos marcam profundamente a relação do Espírito com Jesus Cristo, pois para Paulo “o *pneuma* [o Espírito] não “existe” sem Cristo, ele é o Espírito de Cristo (cf. 1Cor 12,3)” (BAYLÃO, 2016, p.32), assim, Paulo reforça a presença do Espírito Santo na comunidade cristã, reforça que quem crê em Cristo, não pode deixar de crer no Espírito que está intimamente associado a Ele, definitivamente,

Em Paulo é possível determinar a íntima ligação entre Cristo e Espírito Santo, e é o Espírito Santo que conduz a Igreja na fidelidade ao Evangelho, nos faz viver na santidade, conforme a vontade de Cristo, sendo fiel ao Batismo cristão. (*Ibid.*, p.32).

Assim, vemos que a Sagrada Escritura não se ausenta de apresentar diversos caminhos que possibilitam o conhecimento pneumatológico bem como a relação que se estabelece entre a fé cristã e o Espírito Santo. Vemos que o Espírito perpassa toda a história bíblica fazendo-se presente como gerador de vida e como presença constante na história da salvação.

1.1.3 O Espírito Santo no Período Patrístico

Uma das fontes que mais nutriram o Concílio Vaticano II foi o período patrístico; nos escritos dos Santos Padres, os padres conciliares encontraram grandes inspirações para os trabalhos conciliares a respeito da Igreja, da Missão e tantos outros temas e com Espírito Santo não poderia ser diferente; naturalmente, o Espírito derramado em Pentecostes, haveria de nutrir, animar e conduzir de maneira especial a Igreja nascente, prova disso é que “muito tempo antes que o Espírito Santo se tornasse um artigo do Credo, era uma realidade vivida na experiência da Igreja primitiva” (SCHVEITZER, Edouard. *Apud* SUENENS, 1975, p.39).

Podemos encontrar um prelúdio de reflexão sobre o Espírito já no século II, por exemplo, em Ireneu de Lião que, “vai além da teologia dos apologistas, e também pelo reconhecimento mais pleno, e porque o delinea melhor, do papel do Espírito Santo no esquema trinitário” (IRENEU, 2014, p.21)². Não somente isso, Ireneu ainda atesta a ação do Espírito no seu tempo: “muitos irmãos na Igreja, que possuem o carisma profético e que, pelo Espírito, falam em todas as línguas, revelam as coisas escondidas dos homens, para sua utilidade e expõem os mistérios de Deus” (IRENEU, 1995, p.530).

A concepção de Ireneu, bem como todo o conhecimento primitivo sobre o Espírito, passou por um grande processo de desenvolvimento que viu seu primeiro momento mais conturbado nos concílios de Niceia e Constantinopla que se viram

² Ireneu foi o primeiro a descrever mais longamente a obra do Espírito Santo. Distingue bem o Filho e o Espírito Santo que são como as duas mãos do Pai (Adv. Haer. V, 20,1; II, 7,5). LACOSTE, 2004, p.654.

envoltos a grandes discussões sobre a pessoa do Espírito Santo e seu lugar na Trindade; naquele conturbado período, viu-se que,

O arianismo que, anterior a Nicéia, havia se limitado ao conceito do Filho, posteriormente vai ampliando suas ideias, também a respeito da divindade do Espírito: argumentando que o Espírito não é Deus, mas uma criatura, o “servo do Pai e do Filho”. (SILVA, 1998, p. 8.)

Muitos padres apresentaram suas posições a esse respeito, bem como Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno e Basílio de Cesaréia, conhecidos como Padres Capadóciolos, mas dentre tantos,

Foi principalmente Basílio, na sua obra Sobre o Espírito Santo de 375, aquele que em coerência com a fé batismal, mostrou como o Espírito Santo é parte da Trindade como terceira pessoa doadora de toda vida e digno da mesma adoração que se presta ao Pai e ao Filho e, por isso, substancialmente distinto de todos os outros espíritos”. (FRANGIOTTI, p.25).

Ainda seguindo a esteira de um semiarianismo, a história da pneumatologia no período patrístico viu-se entremeada pela heresia dos “adversários do Espírito” chamados “pneumatômacos³” ou “macedônios” por seguirem Macedônio, patriarca de Constantinopla deposto em 360, (LACOSTE, 2004, p.654), que se recusavam a professar a fé na divindade do Espírito, contra este pensamento,

O Concílio de Constantinopla (381) proclamou em sua confissão de fé⁴ que a terceira Pessoa da Trindade é reconhecida como “Senhor”, “Doador de Vida”, “Procedente do Pai”, “Adorado e Glorificado junto com o Pai e o Filho”. São defensores da divindade-consubstancialidade do Espírito: Santo Atanásio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, São Basílio, Dídimo de Alexandria. (SILVA, 1998, p.8).

³ Pneumatômaco: “aquele que nega a divindade do Espírito Santo (não da do Filho). A heresia pneumatômaca é uma seqüela da heresia ariana que negava a divindade do Filho. [...] A heresia foi solenemente condenada no Concílio de Constantinopla em 381. (BROSSE; HENRY; ROUILLARD, 1995, p.598)

⁴ “Multiforme é, pois, a distribuição dos nomes de Cristo: Senhor, porque espírito; Verbo, porque Deus; Filho, porque unigênito do Pai; profeta, porque revelou as coisas futuras. ‘O Espírito Santo, de fato, não é o Espírito só do Pai, ou só do Filho, mas Espírito do Pai e do Filho; pois está escrito: Se alguém ama o mundo, nele não há o Espírito do Pai [cf. 1Jo 2,15; Rm 8,9]’; igualmente está escrito: ‘Quem, por sua vez não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele [Rm 8,9]’; quando são assim nomeados o Pai e o Filho entende-se o Espírito Santo, de quem o mesmo Filho, no Evangelho, diz: O Espírito Santo procede do Pai [Jo 15,26] e: Receberá do meu e vo-lo anunciará [Jo 16,14]. (DS, 2007, p.70)

Outro momento de maiores controvérsias sobre o Espírito Santo foi visto pela história cristã quando se inseriu a expressão “*filioque*” na profissão de fé. Essa expressão latina proclama que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e foi inserida no credo em Roma a pedido do imperador Henrique II em 1014, à exemplo de muitos mosteiros que já proclamavam essa fórmula quando “inserida na Espanha, no sínodo de Braga de 675, a fórmula ganhou a Gália e a Itália”⁵ (FRANGIOTTI, p.26).

O grande problema na inserção desta fórmula na profissão de fé é que somente a Igreja do Ocidente aderiu a essa fórmula, a Igreja no Oriente (especialmente os gregos) discordavam totalmente desta proclamação a respeito da procedência do Espírito, pois seguiam a orientação do patriarca grego Fócio que “defendia que a processão do Espírito Santo era só do Pai e fez dessa afirmação um dogma para a Igreja Oriental” (FRANGIOTTI, p.27).

No Ocidente, a marca de que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho fixou-se definitivamente, deste modo, “A Igreja Latina enfatizou a natureza divina, pondo em relevo a comunhão consubstancial entre o Pai e o Filho” (SILVA, 1998, p.8), o Oriente de tradição Grega, por sua vez, manteve sua visão da procedência do Espírito do Pai pelo Filho, assim, “a Tradição Oriental, por sua vez, põe em relevo o caráter de origem primeira do Pai em relação ao Espírito” (*Ibidem*).

Naturalmente, outros Padres fazem menção ao Espírito em suas obras, mesmo quando não direcionam diretamente sua reflexão para tal, mas percebemos que de maneira quase total, os Santos Padres têm uma inigualável clareza a respeito da ação do Espírito na vida do Povo de Deus, na Igreja e na própria missão de Cristo, a ponto de podermos receber de Santo Atanásio que, “o Verbo assumiu a carne para que nós pudéssemos receber o Espírito Santo. Deus se fez sarcóforo para que o homem se pudesse tornar pneumatóforo” (SANTO ATANÁSIO, *apud*. EUDOKIMOV, 1996, p.88) e assim, vemos que o Período Patrístico se formou de maneira fortemente clara, sob o impulso do Espírito Santo, pois, era justamente Aquele que animava a Igreja nascente a se desenvolver.

⁵ A inserção do *Filioque* numa confissão de fé oficial foi sem dúvida uma iniciativa espanhola destinada a combater o arianismo. LACOSTE, 2004, p.740.

1.2 A pneumatologia no Concílio Vaticano II e no pós-Concílio

É certo que “um dos maiores desafios para os teólogos, ao longo da extensa história da teologia ocidental foi, por certo, o de formular respostas às principais questões que envolvem a Terceira Pessoa da Trindade”. (KUZMA, 2017, p.12). Ao longo da história vemos que se deu extensa atenção à reflexão sobretudo da pessoa do Filho e que pouco se produziu de reflexão sobre o Espírito legando-o a um certo esquecimento, na verdade

O ‘esquecimento do Espírito Santo’ ou, em outras palavras, uma falta de produções teológicas engajadas em refletir sobre as questões pneumatológicas, alocam os textos sobre o Espírito como um apêndice dos estudos voltados para o Pai e o Filho” (*ibid.* p.12).

A relação entre Pneumatologia e Vaticano II está longe de ser das melhores, e tampouco solucionou o problema do “esquecimento do Espírito Santo”, pelo contrário, historicamente percebeu-se durante o próprio Concílio Vaticano II uma ausência de pneumatologia que foi diretamente criticada pelos observadores que tomavam parte do evento conciliar, de modo que, “a pneumatologia do Concílio Vaticano II figura entre as *Questiones Disputatae* entre teólogos ortodoxos, protestantes e católicos [até] depois do Concílio” (ROUTHIER, 2020, p.375. [tradução nossa]), isso porque o Concílio Vaticano II não se dedicou a refletir diretamente sobre o Espírito, mas manteve-o como apêndice de outros temas e documentos que não diziam respeito direto ao Espírito, mas que se relacionavam e referiam a ele⁶.

É sabido que “os concílios ‘legitimamente unidos no Espírito Santo’ (Trento, sessão III) são concebidos como eventos pneumáticos e são eles mesmos vistos como um novo Pentecostes” (*ibid.* p.376. [tradução nossa]), e esperava-se do Concílio Vaticano II, sendo um acontecimento que promoveu uma reflexão mais profunda sobre os elementos constitutivos da Igreja baseado no diálogo com o mundo moderno, uma reflexão mais atual, dedicada particularmente ao Espírito Santo, “assim, a pneumatologia do Concílio Vaticano II foi frequentemente considerada deficiente não apenas por ortodoxos e protestantes” (*Ibid.* p.377. [tradução nossa]).

De fato, os observadores ortodoxos e protestantes foram os que mais diretamente observaram e criticaram a ausência de referência pneumatológica no Concílio Vaticano II,

⁶ ROUTHIER, Gilles. La pneumatologie de Vatican II. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.52, n.2, p.375-392, Mai./Ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n2p375/2020>.

estes observadores,

Criticaram frequentemente os esquemas, em particular os das constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*, por falta de pneumatologia. Um deles, Nikos A. Nissiotis, articula a mesma censura; voltou com insistência sobre o que chama de “cristomonismo” dos latinos e uma “pneumatologia eclesiológica” que seria a alma da eclesiologia ortodoxa. (*Ibid.* p.378. [tradução nossa])

Essa crítica tendia a chamar a atenção dos padres conciliares a não tratarem o Espírito como um apêndice de Cristo como frequentemente se viu na história da reflexão teológica, mas sim de reconhecer o caráter pessoal que o Espírito tem, essa crítica foi uma tentativa de não ver o Espírito Santo somente submetido à Cristo, pois isso “é ignorar o caráter plenamente pessoal da missão do Espírito Santo no Pentecostes, seu próprio valor para constituir a Igreja após e com a obra cristológica” (*Ibid.* p.378. [tradução nossa]).

Apesar destes pressupostos, não podemos ver negativamente a ausência de pneumatologia no Concílio Vaticano II, justamente pelas manifestações atentas dos observadores, “o Concílio reconhece a presença vivificante do Espírito na Igreja que a enriquece de dons, a rejuvenesce e a conduz à união plena com o Senhor (LG 4)” (MILAK, 2012, p.45), ademais, assim, embora os padres conciliares não se tenham dedicado a elaborar uma reflexão exclusiva ao Espírito, as referências a Ele presentes em outros documentos (particularmente na *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*) supriu aceitavelmente essa carência, assim,

O Concílio retoma o tema dos dons e carismas, buscando em Paulo a força do Espírito que edifica a Igreja, distribuindo seus dons e carismas, conforme lhe apraz (1Cor 12,7.11); dons e carismas que se manifestam na estrutura eclesial e sacramental, mas também dons e carismas não hierárquicos, que recuperam a dimensão ativa do povo de Deus, confirmam o profetismo dos leigos e fundamentam a teologia da vida religiosa. (*Ibid.* p.45).

Apesar de não trabalhar diretamente o Espírito, como tema central em algum de seus documentos ou como tema central de alguma das reflexões ou exposições nas sessões conciliares. O Concílio Vaticano II esforçou-se generosamente em acrescentar em suas reflexões o Espírito Santo. Nos esquemas conciliares vemos dedicada atenção a sanar essa deficiência; por exemplo, vemos nos esquemas que conduziram a *Lumen Gentium* uma adição de referência ao Espírito:

Adição em fevereiro de 1963 de um número completo dedicado ao Espírito Santo (*De Spiritu Ecclesiam Sanctificante*), este nº4, ausente nos dois primeiros esquemas⁷, é sem dúvida a inovação mais importante e que terá a inovação mais importante. (ROUTHIER, 2020, p.380. [tradução nossa])

E posteriormente veremos que nos documentos conciliares não faltaram referências ao Espírito Santo, o que levou o Concílio Vaticano II a assumir, nas referências ao Espírito contidas nos documentos, uma identidade pneumatológica, não obstante a ausência de uma reflexão específica ao Espírito Santo e a perceber a ação multiforme do Espírito, assim,

O Concílio reconheceu e situou este agir livre do Espírito Santo no interior da Igreja: nas estruturas sociais da Igreja (LG 8⁸); na atualização do Evangelho e entendimento da Palavra de Deus (cf. DV 8⁹; 23¹⁰); nas iniciativas missionárias e apostólicas (cf. AG 29¹¹); de maneira especial para Congar, na moção ecumênica que o Espírito Santo inspira na Igreja a favor do ecumenismo (cf. UR 24¹²; LG 15¹³). (BAYLÃO, 2016, p.113).

Podemos enfatizar que o Concílio deu uma breve e suave “pincelada” no que diz respeito ao Espírito no que se refere à questão dos Carismas, como vemos na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Além disso, o mesmo Espírito Santo não se limita a santificar e a dirigir o Povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios, e adorná-lo com as virtudes, mas também nos fiéis “distribui individualmente e a cada um, conforme entende” os seus dons (1Cor 12,11), e as graças especiais, que os tornam aptos e disponíveis para assumir os diversos cargos e ofícios uteis à renovação e maior incremento da Igreja, segundo aquelas palavras: “A cada qual se concede a manifestação do Espírito para a utilidade comum” (1Cor 12,7). (LG 12).

Dado que o Concílio Vaticano II não dedicou nenhuma reflexão profunda e específica sobre o Espírito, coube ao magistério pós-conciliar e à teologia a tarefa de aprofundar as reflexões sobre a Terceira Pessoa da Trindade. Esse encargo, São Paulo VI deixou-o claro

⁷ *Schema constitutionis De Ecclesia* (nov. 1962).

⁸ “[...] esta estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo (cfr. Ef. 4,16)”.

⁹ “Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo [...]”.

¹⁰ “A esposa do Verbo encarnado, isto é, a Igreja, ensinada pelo Espírito Santo[...]”.

¹¹ “Embora o Espírito Santo suscite, de muitos modos, na Igreja de Deus, o espírito missionário [...]”.

¹² “Este sagrado Concílio deseja insistentemente que as iniciativas dos filhos da Igreja católica juntamente com as dos irmãos separados se desenvolvam; que não se ponham obstáculos aos caminhos da Providência; e que não se prejudiquem os futuros impulsos do Espírito Santo”.

¹³ “Acrescenta-se a isto a comunhão de orações e outros bens espirituais; mais ainda, existe uma certa união verdadeira no Espírito Santo [...]”.

quando deseja “um novo estudo e um novo culto sobre o Espírito Santo”¹⁴, deste modo a Igreja não deixou aberta a lacuna da reflexão sobre o Espírito, justamente o contrário, a incentivou como uma necessidade pós-conciliar.

A pneumatologia ganha na Igreja um novo espaço nos tempos pós-conciliares, espaço que já havia sido conquistado nas reflexões teológicas protestantes; grandes teólogos protestantes dedicaram-se com afinco ao estudo e revalorização do Espírito Santo, dentre eles, destacamos o proeminente teólogo suíço Karl Barth, este teólogo,

Irá desenvolver uma abordagem que se dedica em refletir sobre a importância de ter em Deus a fonte e o início de toda a revelação. Partindo deste princípio, o Espírito Santo é a forma com que Deus faz com que os homens consigam perceber a revelação de Deus que, em suma, parte de sua vontade em reconciliar a humanidade com Ele por meio de Jesus. (KUZMA, 2017, p.16).

Um dos primeiros teólogos católicos a ganhar destaque no campo da pneumatologia é o dominicano Yves Congar, para quem “o Espírito deve ser interpretado em relação, comunhão, constante tanto com a Cristologia como com a Eclesiologia” (*Ibid.* p.22). Congar, no período conciliar havia observado bem a carência sobre a reflexão sobre o Espírito e a também criticou, fazendo saber claramente depois do Concílio Vaticano II que “não é porque o Espírito é citado trinta vezes, sessenta e duas vezes, que há verdadeiramente uma pneumatologia” (CONGAR *apud.* ROUTHIER, 2020, p.285. [Tradução nossa]).

Congar busca então, uma nova reflexão sobre o Espírito em seus estudos, nos quais “ele buscou trazer uma contribuição teológica que se empenhasse em fazer interpretações, ou reinterpretações, da sua missão na história e sua relação com os outros temas importantes” (KUZMA, 2017, p.22).

O marco fundamental de sua pneumatologia, foi a justa contraposição à perspectiva “subordinacionista” do Espírito ao Filho da pneumatologia protestante, mas, propõe uma correlação, indicando que “Filho e Espírito Santo são as duas mãos do Pai que trabalham para revelar mais claramente o Seu amor gracioso aos homens” (*Ibid.* p.24). Outros teólogos com o decorrer dos anos também desenvolveram correntes pneumatológicas de considerável peso teológico como Jürgen Moltmann em sua “Teologia da Esperança”,

¹⁴ Papa Paulo VI. Audiência geral de 06 de Junho de 1973. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1973/documents/hf_p-vi_aud_19730606.html.

Víctor Codina¹⁵ ou Karl Rahner¹⁶.

1.3 A reforma litúrgica e a pneumatologia

A reforma litúrgica, sabe-se bem, não foi uma novidade trazida pelo Concílio Vaticano II, mas foi um reflexo daquilo que já se pedia e esperava por parte do chamado “Movimento Litúrgico¹⁷” que, ouvindo o que o Espírito dizia à Igreja (cf. Ap 2,29), buscava uma revitalização da vivência litúrgica da Igreja.

Antes de mais nada, é preciso compreender de maneira adequada o que é liturgia. Se nos perguntamos sobre o que é liturgia, podemos ver que a origem da palavra liturgia é encontrada na Grécia antiga, proveniente das palavras:

“*Leíton érgon* = serviço ao povo, no sentido de prestação de serviço público) designa a assembleia cultural da comunidade na qual Cristo, por seu Espírito Santo concede aos fiéis, mediante a proclamação da Palavra e o sinal sacramental, participação no seu mistério pascal e capacita os redimidos para responderem com grato louvor ao Pai” (BERGUER, 2010, p.216)

Essa concepção helênica, nos diz Mathias Augé (1998, p.12), traduziu-se literalmente por *λειτουργία* (*leitourgía*) que “significa ‘serviço prestado ao povo’ ou ‘serviço prestado diretamente para o bem comum’”, assim, podemos compreender que o termo liturgia está intimamente ligado a um ofício público.

A partir desta concepção helênica, o cristianismo nascente desenvolveu seu culto, concebendo-o também como um “serviço prestado ao bem comum”, e fez uso deste termo inclusive, “sendo utilizado em sentido cultural e eucarístico e em sentido ritual veterotestamentário” (*Ibid*, p.15).

O cristianismo nascente, embora tenha assimilado com considerável clareza o termo liturgia, nos legou diversas formas de concebê-la, de maneira particular como “fração do pão” (1Cor 10,16), onde se “pensava-se provavelmente não tanto na

¹⁵ CODINA, Víctor. Não extingais o Espírito (1Ts 5,19): iniciação à Pneumatologia. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2010.

¹⁶ RAHNER, Karl. Não extingais o Espírito. Trad. Alfred Josef Keller. São Paulo: Loyola, 2018.

¹⁷ Este movimento “nasce no Congresso de Obras Católicas em Malines, na Bélgica no ano de 1909. Entre seus mentores está o beneditino D. Lambert Beauduin do mosteiro de Monte César na França. Como a França tinha passado por uma tentativa de se separar de Roma através da liturgia, o trabalho de Beauduin foi o de retomar a liturgia católica através da Pastoral Litúrgica. (MESQUITA, 2012, p.46)

refeição material que estava ligada à celebração do mistério, mas no próprio pão sacramental” (JUNGMANN, 2008, p.185), ou ainda como “Ceia do Senhor” (1Cor 11,20); de acordo com Jungmann (2008, *loc. cit.*) essa segunda concepção “destacou ainda mais seu caráter de refeição”.

Outro termo importante para designar a liturgia dentro destas concepções, é o termo *εὐχαριστήρια*¹⁸ (eucaristia), termo, muito recorrente nos primórdios da Igreja, e retomado fortemente após a renovação litúrgica do Concílio Vaticano II, nos é apresentado primeiramente na *Didaqué*, que transmite-nos a doutrina e compreensão da vivência da liturgia no período pós-apostólico, ao dedicar dois capítulos para tratar da Eucaristia¹⁹, oferecendo a maneira de celebrar e agradecer a liturgia: “Celebrem a Eucaristia deste modo”, “Depois de saciados, agradeçam deste modo” (DIDAQUÉ, 2014, p. 21-22).

Esta Eucaristia é “o culto que a Igreja rende a Deus na sua principal liturgia” (ASSUNÇÃO, 2016, p.63) e que se tornará o que chamamos de “Missa ou Ceia do Senhor” (IGMR nn.17.27) e ao realizar este culto, a Igreja renova o mandato do Senhor na última ceia: “*in meam commemorationem*”²⁰ e conseqüentemente atualiza o acontecimento da última ceia, assim sendo, o centro do culto eucarístico é caracterizado pela oferta a Deus Pai, no Filho, por meio do Espírito.

Assim sendo, no tempo presente, a liturgia da celebração eucarística caracteriza-se essencialmente pelo culto prestado a Deus em ação de graças e por meio da qual se faz presente o mistério divino, é “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força (SC, 10), ou nas palavras de Rupert Berguer, é a ação “pela qual a entrega redentora em sacrifício se torna presente e eficaz entre nós”. (2010, p.155)

Toda essa compreensão de liturgia estava clara tanto para o Movimento Litúrgico quanto para o Concílio Vaticano II, entretanto, conforme se desenvolveu a reforma litúrgica, deu-se maior ênfase no caráter cristológico da liturgia, como bem vemos no número 7 da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, quando trata sobre a presença de Cristo no culto: “quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz [...] quando alguém batiza, é o próprio Cristo

¹⁸ “Ceia em memorial do Senhor, instituída por Cristo, celebrada pela Igreja com ação de graças, pela qual sua entrega redentora em sacrifício se torna presente e eficaz entre nós; em regra associada à liturgia da Palavra; na tradição ocidental chamada geralmente de missa, na tradição oriental, de liturgia.” (BERGUER, 2010, p.155).

¹⁹ Caps. IX (a celebração eucarística) e X (Agradecimento depois da eucaristia).

²⁰ “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

que batiza [...] é ele quem fala quando se lê a Escritura”.

A Igreja reunida no Concílio Vaticano II, já vimos acima, não focou sua reflexão no que diz respeito à Pessoa do Espírito Santo, e a reforma litúrgica refletiu isso, como vimos no texto acima, que nos evidencia o enfoque Cristológico da liturgia, entretanto, ao enfatizar o caráter Cristológico da liturgia, a Igreja no Ocidente diferencia-se fundamentalmente da Igreja no Oriente,

A primeira coloca a ênfase mais na presença e na ação de Cristo, na atualização do mistério pascal; a segunda, afirmando também estes temas, leva-os até as consequências lógicas do mistério de Cristo e da Páscoa, isto é, ao Pentecostes perene da Igreja, pela ação e pelo dom do Espírito Santo por meio dos sacramentos. (CASTELLANO, 2008, p.190).

Não foram poucas as críticas à ausência do Espírito na *Sacrosanctum Concilium*, pelo contrário, “antes da aprovação da Constituição litúrgica, alguns teólogos haviam objetado que a Constituição era muito deficiente do ponto de vista da doutrina sobre o Espírito Santo na liturgia (*ibid.* p.195) e vemos apenas alguns acenos ao Espírito, quando se fala da economia da salvação (SC 5), da missão apostólica e da vida sacramental (SC 6).

1.4 Considerações preliminares

De maneira geral ao olharmos o Concílio Vaticano II, é preciso reconhecer que importantes bases foram lançadas a partir deste acontecimento eclesial para que se desenvolvesse um novo estudo da pneumatologia, e não somente isso, é preciso reconhecer igualmente que o Concílio Vaticano II reapresentou à Igreja um terreno para frutificar e robustecer seu ensinamento, bem como deu um importante espaço para que os irmãos de outras confissões cristãs colaborassem com a compreensão sobre o Espírito Santo.

No que tange os teólogos, vemos um generoso esforço intelectual para colaborar com a reflexão pneumatológica da Igreja, e ao mesmo tempo vemos um desejo ardente de fazer redescobrir a importância do Espírito na vida da Igreja e na compreensão da missão de Jesus, isto é, a relação da Pneumatologia com a Eclesiologia e com a Cristologia.

Dentro da teologia protestante “os teólogos caminharam enfatizando alguns aspectos da missão do Espírito Santo sempre relacionada a outros tratados teológicos”

(*Ibid.* p.31), mantendo um pensamento mais fechado, ao passo que a teologia católica “promoveu importantes avanços em sua Teologia do Espírito Santo [...] e aprofundou questões importantes sobre a relação entre a missão do Espírito e a do Filho” (*Ibid.* p.32).

Por fim, vemos que a pneumatologia desenvolve-se lentamente, porém não se permite estagnar, pelo contrário abre-se com generosa disposição às novas reflexões e aos avanços que os teólogos lhe propõem conforme se aprofunda e se reconhece mais claramente o papel do Espírito Santo na vida da Igreja e sua ação no mundo. Assim, percebemos, a partir destes avanços, uma abertura maior para a reflexão da presença do Espírito Santo na Igreja, particularmente na celebração da Eucaristia, ponto alto da vida cristã.

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO NOS RITOS DA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

2.1 Introdução

O culto eucarístico é, na vida da Igreja a fonte e ápice ²¹de onde ela se nutre, como bem recorda São João Paulo II: “A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja” (EE n.1), assim, sendo, seria impossível que o Espírito Santo, “Senhor que dá a vida”²², não agisse diretamente neste salutar meio do qual a Igreja se nutre.

Vemos que no tempo presente, ausente de uma adequada compreensão do Espírito, mais do que nunca, “é necessário despertar em nós a consciência da função decisiva que exerce o Espírito Santo no desenvolvimento da forma litúrgica e no aprofundamento dos mistérios divinos” (SCa n.12), assim, o presente capítulo pretende analisar a relação do Espírito Santo com a liturgia da celebração da Eucaristia, partindo essencialmente dos ritos que a compõem, tal como foram oficializados pela Igreja depois da reforma litúrgica conciliar. Para tanto, iremos analisar tão somente os ritos fixos da celebração, como também, as propostas textuais da Missa de Pentecostes.

2.2 O Espírito Santo nos Ritos Iniciais e na Liturgia da Palavra

Os Ritos Iniciais, afirma o Missal Romano, “precedem a liturgia da Palavra, isto é, entrada, saudação, ato penitencial, *Kyrie*, Glória e oração do dia” (IGMR, n.46). Não temos fontes que nos apresentem estes ritos iniciais ou algum rito ou prática equivalente, desta forma como entendemos hoje, sendo um elemento presente desde o princípio do culto eucarístico, justamente o contrário, temos relatos de que “já no fim da Antiguidade Cristã é regra constante, em todos os lugares, que ela [celebração] se inicie com uma parte introdutória composta de leituras das Escrituras” (JUNGMANN,

²¹ LG 11.

²² Credo Niceno-Constantinopolitano.

2008, p.269). O mesmo Jungmann, nos apresenta uma gênese do que entendemos como ritos iniciais apresentando ritos iniciais que ocorriam numa espécie de átrio, ele mesmo diz que,

O que antecede as leituras é resultado de uma evolução posterior que aconteceu nas diferentes províncias eclesiásticas de modo paralelo, porém não segundo um plano básico comum. Entretanto, podemos falar de uma ideia básica comum que se impõe em todas as regiões. É a ideia de que deve existir, ainda ante, um átrio (2008, p.271).

Embora saibamos que os ritos iniciais (como compreendemos hoje) não estavam presentes no rito da celebração eucarística desde o princípio, sabemos que há muito, tornou-se parte da estrutura da liturgia da celebração eucarística, e podemos ter certeza de que não o foi sem motivo e sem uma profunda teologia.

2.2.1 A procissão de entrada

A celebração da Eucaristia tem seu início na procissão que se faz em direção ao centro físico do culto: o presbitério, de onde discorrem todas as ações litúrgicas e onde se desvela o mistério sagrado.

Sendo o Espírito Santo aquele que conduz o culto divino, assim, também neste momento da procissão de entrada, é o Espírito que conduz aqueles que caminham. Tradicionalmente esse gesto processional é acompanhado pelo canto, que “existia no começo do século VI” (AUGÉ, 1998, p.147) e que expressa o louvor que o Espírito Santo suscita no povo preparando-o para o mistério, uma vez que “quando um cristão canta na celebração, é Cristo que canta nele. E se Cristo canta, também o faz o Espírito Santo [...] por isso, a liturgia sempre guiada pelo Espírito, *prolonga* quanto Cristo fez em sua vida” (MAQUEDA, 2020, p.62).

2.2.2 Sinal da Cruz

O diálogo celebrativo-litúrgico tem seu início invocando a Trindade, que envolve todo o mistério celebrado. O sinal da Cruz “é o sinal da totalidade, o sinal da Redenção. [...] Por isso o fazemos antes da oração, para que nos recolha e ponha espiritualmente em ordem” (GUARDINI, 2017, p.13), e não somente isso, esse sinal tão caro e sagrado para a fé cristã, tem um caráter de recordação não somente

trinitária, mas também batismal, pois,

No seu sentido originário, essa invocação é renovação batismal, aceitação das palavras com as quais nos fizemos cristãos e apropriação do que no Batismo, infundiu-se em nossa vida sem nossa colaboração nem reflexão. Naquela ocasião, derramou-se água sobre nós enquanto eram pronunciadas as palavras: 'eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo'. A Igreja faz cristão o homem nomeando ao Deus Trino. Assim, expressa desde suas origens o que considera decisivo no ser cristão: a fé no Deus Trino e Uno. (RATZINGER, Joseph. *Apud*. ASSUNÇÃO, 2016, p.76).

Assim, o culto que prestamos a Deus, nós o fazemos concretamente a partir da fé que da Igreja recebemos, e de fato, o mistério eucarístico não poderia ser celebrado, professado e vivido de outra forma que não fosse a partir da fé que nos é legada pelo Batismo, porta de toda a vida espiritual e sacramental.

Entretanto, esse sinal que nos ajuda a entrar no Mistério Sagrado, tem uma dimensão mais profunda, pois, por este sinal da cruz, evocamos Aquele que une todos os cristãos. A Igreja é reunida como Corpo pelo Espírito que nela age e a faz comunidade orante, pois este Espírito que habita em nós (1Cor 3,16) e por meio de quem todo o culto ao Pai é oferecido, é Ele mesmo que nos conduz na celebração, de modo que,

Os fiéis sentem-se fortemente unidos entre si por um princípio de vida positivo que lhes é comum. Esta vida comum é Cristo vivo: a sua vida é a nossa vida; estamos "incorporados" n'Ele, somos o "seu corpo", *Corpus Christi mysticum*. Existe um poder real que anima e domina esta unidade de vida, que incorpora nela o ser individual, o faz participar a vida comum e nela o mantém: "o Espírito de Cristo", o Espírito Santo. Cada crente é individualmente uma célula desta unidade vital, um membro deste corpo. (GUARDINI, 2017, p.34).

Assim, o sinal que assinala os crentes no Culto Divino, é ao mesmo tempo o convite para que todos se unam no mesmo Espírito de Cristo, o "Espírito Santo no qual se deve celebrar e viver, com o qual, de alguma maneira, somos chamados a concelebrar" (CASTELLANO, 2008, p.107); o sinal da Cruz, é, pois, o primeiro contato concreto que a assembleia estabelece com o Espírito Santo, certos de que "o mistério de Cristo torna-se presença e ação santificadora e cultual por meio do Espírito Santo" (*Ibid.* p.189).

2.2.3 Saudação Inicial

Após o sinal da Cruz, o sacerdote saúda o povo com as palavras de São Paulo: “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (2Cor 13,13)²³, o sacerdote, por esta saudação acolhe o povo de Deus mas também, “expressa à comunidade reunida a presença do Senhor” (IGMR, n.50). Essa saudação, confirma a comunhão entre Deus e seu povo, que nas palavras de Paulo, acontece pelo Espírito, como podemos ler acima, assim, o sacerdote recorda-nos e ao mesmo tempo confirma nossa comunhão pela ação do Espírito, uma vez que “não existe nenhuma celebração sem a presença e ação do Espírito” (MAQUEDA, 2020, p.41) e nem mesmo “pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo que unifica a Igreja inteira, levando-a pelo Filho ao Pai” (IGLH, 8). Em suma, vemos que a saudação inicial, traz à comunidade a consciência de que de fato, Deus está todo presente à celebração e que o Espírito é o artífice que a todos une e é por meio Dele que a Igreja presta seu culto.

2.2.4 Ato Penitencial

O ato penitencial é um pedido de purificação do coração para que se possa celebrar dignamente os mistérios divinos (MR p.390), este costume “já é atestado pela *Didaché* pós-apostólica (cerca do ano 100), ao escrever: ‘Reuni-vos no dia do Senhor, parti o pão e dai graças, mas antes disso, confessai vossos pecados, para que vosso sacrifício seja puro’” (*Didaché apud.* BERGUER, 2010, p.35). Logo, vemos que desde os primórdios do cristianismo o Culto Divino é precedido pelo reconhecimento de nossas faltas, o que não é somente rito, mas uma necessidade, é “uma purificação da consciência, é um recomeçar na presença do Senhor” (RATZINGER, Joseph. *Apud.* ASSUNÇÃO, 2016, p.83).

A este momento do rito, o Espírito Santo assiste como aquele que, enviado por Deus dispensa a nós a graça do perdão dos pecados. Mas o Espírito não somente dispensa o perdão aos fiéis, mas “o discípulo de Cristo, após o pecado aproxima-se, movido pelo Espírito Santo” (RP, 6).

Fato decisivo para compreender o Ato Penitencial e sua relação com o Espírito,

²³ O Missal Romano propõe outras saudações, entretanto, optamos por utilizar a mais comumente usada na Igreja no Brasil.

é que na Eucaristia, celebramos o Mistério Pascal, pelo qual os cristãos são renovados. O mesmo Espírito que ressuscita Jesus dos mortos, é Aquele que nos traz para uma vida nova purificando nossos corações para que, na celebração da Páscoa do Senhor, nós possamos estar dignamente presentes à tão grande mistério, em suma, “o Espírito Santo move à misericórdia de Deus e ameniza os rigores da sua justiça” (MAQUEDA, 2020, p.106) para que sejamos uma assembleia realmente nova no Senhor²⁴.

2.2.5 Oração do Dia ou “Coleta”

Os ritos iniciais são concluídos com a oração do dia ou coleta, como bem nos recorda Berguer (2010, p.277): “Oração com que o sacerdote celebrante da missa finaliza o rito de abertura da celebração eucarística, no MR também designada como *collecta*” e tem por finalidade resumir o mistério celebrado naquele dia, “evidencia a índole da celebração, o motivo pelo qual se celebra” (IGMR, 54).

A origem a oração da coleta, tem suas primícias ainda nos primeiros séculos, como nos lembra Jungmann (2008, p.366) ao afirmar que “o acervo básico das orações romanas que encontramos primeiro nos sacramentários deve se ter formado entre o séc. 3 e o séc. 6”. Nesta oração, encontramos dois sinais importantes da presença do Espírito Santo: no breve silêncio antes da oração pronunciada e na fórmula que encerra a oração.

No silêncio, mesmo que breve, nos recolhemos no Espírito, encontramos-nos com o Espírito que nos prepara para a recepção do mistério que há de ser celebrado, pois

“O silêncio litúrgico não é uma interrupção ou suspensão da celebração [...] tem uma conotação mais profunda: *indica a presença e ação do Espírito Santo* [...] Com o silêncio, o fiel enche-se do Espírito Santo e abre seu coração à Palavra do Mestre; percebe-se o sopro do Espírito que nos impulsiona a configurar-nos a Cristo”. (MAQUEDA, 2020, p.52).

E não somente isso, fazem parte da liturgia estes momentos de silêncio, “de acordo com a assembleia reunida, pelos quais, sob a ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração” (IGMR

²⁴ Maqueda ainda reforça esse papel do Espírito em relação ao perdão: “O Espírito Santo ‘é o próprio perdão dos pecados’, afirma o Missal Romano, na oração *sobre as oferendas* do sábado da VII semana de Páscoa. Esta oração provém do *Sacramentário Veronense* do século VII. (2020, p.56).

56).

A fórmula trinitária que encerra a oração, nos recorda que o mistério celebrado é feito na ação do Espírito, na verdade essa oração nos apresenta “uma súplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo” (IGMR 32) e uma vez que se dirige ao Pai essa oração pelo Espírito, esta oração ressalta que “o cristão acerca-se do altar impelido pelo Espírito” (MAQUEDA, 2020, p.53)

De maneira particular, vemos na oração da coleta do Domingo de Pentecostes (MR, p.318) o caráter de “resumir” o mistério celebrado, dando ênfase crucial no mistério do Espírito e sua relação com o Pentecostes:

Ó Deus que, pelo mistério da festa de hoje, santificais a vossa Igreja inteira, em todos os povos e nações, derramai por toda a extensão do mundo²⁵ os dons²⁶ do Espírito Santo, e realizai agora no coração dos fiéis as maravilhas que operastes no início da pregação do Evangelho. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. (Ibidem)

2.2.6 Liturgia da Palavra

A liturgia da Palavra figura como um momento especial e fundamental no rito litúrgico, pois é o momento em que, por excelência se proclama a Palavra de Deus, momento em que Cristo fala ao seu povo, uma vez que “é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja” (SC 7), há uma relação totalmente especial entre Palavra e Liturgia, sendo a Palavra uma fonte essencial, donde a Liturgia se nutre. A esse respeito, Mesquita nos recorda:

A relação estreita entre Liturgia e Sagrada Escritura acontece naturalmente como duas partes que são intimamente ligadas. Como a Palavra é uma fonte inesgotável da revelação de Deus, ela é pilar na realização da liturgia. (2012, p.72)

Tendo isso em causa, é preciso ter claro que a Liturgia da Palavra é um momento particularmente pneumático, tanto na proclamação como na escuta. Na

²⁵ “É uma alegria encontrar-se com esta serena e convencida fé da Igreja, no desígnio universal da salvação, tão enfaticamente e emocionalmente lembrado e evocado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (LG 48) e que agora, como chave de oração, esta prece da coleta de hoje o recorda”. (URTASUN, 1995, p.326. [tradução nossa]).

²⁶Sobre os dons do Espírito: “Sabemos quais são, pelo texto conhecido e empregado de Is 11,1-3: ‘Um renovo sairá do tronco de Jessé, e de suas raízes brotará um rebento. Sobre ele pousará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de ciência e temor do Senhor. Não julgará pelas aparências, nem sentenciará pelo ouvir. (Ibidem. [tradução nossa]).

proclamação fica clara a presença do Espírito na perspectiva de que “o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo” (VD 6). No Antigo Testamento, é clara a presença do Espírito na história do povo e de maneira particular nos livros proféticos, como bem nos diz Bento XVI: “Deus comunicou a sua Palavra na história da salvação, fez ouvir a sua voz; com a força do seu Espírito, ‘falou pelos profetas’” (VD 7), nesta perspectiva o Espírito é quem realiza a presença de Deus no Antigo Testamento.

No Novo Testamento estabelece-se uma maior presença do Espírito, desta vez relacionada à missão e presença de Jesus Cristo, naturalmente, “só se pode falar da presença de Cristo na Palavra e na Igreja graças à virtude do seu Espírito” (SANTANA, 2014, p.517), nos escritos apostólicos, vemos que se faz ímpar a presença do Espírito e sua relação à Cristo na vida da Igreja nascente, nas comunidades, que vão recebendo a Palavra pela pregação e escrita dos Apóstolos, aí vemos fortemente, que “a Palavra de Deus não cessa de ser continuamente entregue à Igreja em oração. Ali ela se revela sempre viva e eficaz em virtude do poder do Espírito Santo” (*Ibid.* p.519).

De fato, como já apontamos anteriormente, na perspectiva bíblica, a missão de Jesus Cristo está intimamente associada ao Espírito Santo; a missão de Jesus, bem sabemos, está estabelecida na comunicação do Pai e do seu Reino e o próprio Pai, em diversos momentos da vida de Jesus comunica-se a Si mesmo, “a comunicação que Deus faz de Si mesmo implica sempre a relação entre o Filho e o Espírito Santo” (VD 15), assim, o momento ápice da Liturgia da Palavra, o Evangelho²⁷, nada mais é do que o momento ápice da ação do Espírito neste rito, uma vez que é neste momento em que ouve-se as Palavras de Jesus, em quem fala o Espírito.

Na escuta da Palavra proclamada, também encontramos um forte momento de presença do Espírito, Ele exerce um papel de excelência em relação à recepção da Escritura, uma vez que “o Espírito torna possível que a comunidade escute, alimente-se e chegue a Cristo” (MAQUEDA, 2020, p.69), e não somente isso, “sem a ação eficaz do «Espírito da Verdade» (Jo 14, 16), não se podem compreender as palavras do Senhor” (VD 16)

Esses elementos tornam-se claros quando nos deparamos com as leituras propostas para a Missa do Domingo de Pentecostes. Na primeira leitura, At 2,1-11 vemos fortemente destacada a presença do Espírito na vida da comunidade quando

²⁷ “A leitura do Evangelho constitui o ponto alto da liturgia da palavra. A própria Liturgia ensina que se lhe deve manifestar a maior veneração, uma vez que a cerca mais do que as outras, de honra especial”. (IGMR, 60).

vemos o relato de Pentecostes²⁸; na segunda leitura, 1Cor 12,3b-7.12-13, vemos a ênfase paulina no resultado da ação e presença do Espírito na vida da comunidade²⁹, edificando-a como um só corpo e por fim, no Evangelho, Jo 20,19-23, mostra de maneira ainda mais profícua a relação Jesus-Espírito, quando se denota o envio do Espírito Santo sobre os Apóstolos por Jesus.³⁰

Por fim, vemos a conclusão deste momento na homilia, momento em que a Palavra ouvida é partilhada, explicada e refletida. Também este momento, em que se ouve o sacerdote, se converte em momento pneumático, pois, como nos recorda Maqueda: “a palavra de Deus é repartida na homilia para vivificar a comunidade orante. O Espírito Santo é o artífice que torna possível que o fiel compreenda e assimile a Palavra para sua vida”. (2020, p.77), justamente por isso, não se pode negligenciar este momento, na certeza de que “a homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito” (EG 135).

Por fim, a Liturgia da Palavra encerra-se com a profissão de fé e a prece dos fiéis, de modo que se cumpre plenamente a dinâmica pela qual “o Espírito vivifica constantemente a Palavra do Senhor: a Palavra é, aqui e agora, acolhida, celebrada e orada pela assembleia” (MAQUEDA, 2020, p.71). Assim, a profissão de fé e a oração dos fiéis são os momentos em que o Espírito ora na assembleia (Rm 8,26), estes dois momentos concluintes da Liturgia da Palavra, fazem com que “na celebração litúrgica, a Palavra torne-se eficaz e viva; torne-se oração” (*Ibid.* p.80).

2.3 O Espírito Santo na Liturgia Eucarística

Neste momento, passa-se ao ponto culminante da experiência pneumatológica da celebração da Eucaristia. Na liturgia eucarística a presença do Espírito assume sua principal característica e se torna mais evidente, neste momento,

A liturgia apresenta uma dupla vertente ou dimensão: a *ascendente* e a *descendente*. Em sua dimensão *descendente*, a liturgia é *comunicação do Espírito Santo*; é o lugar onde se faz presente o Cristo glorificado, o qual, por sua vez, confere o Espírito à assembleia ali

²⁸ Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. (At 2,4).

²⁹ De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito, para formarmos um único corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito. (1Cor 12,13).

³⁰ Jesus disse: “A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. E, depois de ter dito isso, soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo (Jo 20,21-22).

reunida. O Espírito desce. O céu junta-se à terra, Deus manifesta-se. Em sua dimensão *ascendente*, a liturgia é a *voz do Espírito Santo*, em Cristo-Igreja, para a glória do Pai. Os fiéis invocam e oram, a terra junta-se ao céu, rendemos culto a Deus. (MAQUEDA, 2020, p.34).

O Espírito Santo, torna-se a partir da Liturgia Eucarística Aquele que torna Cristo presente dentro da Celebração Eucarística, e igualmente presta seu auxílio para que a assembleia compreenda o mistério celebrado, é justamente o que nos recorda a oração “sobre as oferendas” do Domingo de Pentecostes:

Concedei-nos, ó Deus, que o Espírito Santo nos faça compreender melhor o mistério deste sacrifício e nos manifeste toda a verdade, segundo a promessa do vosso Filho, que vive e reina para sempre. (MR, p.318).

Esta oração recorda de maneira filial a própria promessa que o Jesus faz aos seus discípulos de lhes enviar o Espírito para compreender; o mistério eucarístico é o maior mistério do qual os fiéis necessitam de uma assistência do Espírito para compreender, e de fato, o Espírito proporciona essa compreensão porque sua presença na Eucaristia é uma presença eficaz, neste sentido, sabemos que “as pessoas que compõem a assembleia têm suas limitações, não são perfeitas, mas, graças ao Espírito Santo, essas limitações se veem superadas, e a celebração alcança sua plenitude” (MAQUEDA, 2020, p.55).

O mistério celebrado, tendo ao seu redor o Espírito, não poderia ser, se não o meio pelo qual o mesmo Espírito age em função de realizar Cristo em nós e nos auxiliar a tomar parte de seu mistério salvífico, assim, o Espírito conduz os fiéis à compreensão do mistério para que, compreendendo-o, sejam capazes de haurir de maneira mais profícua e benéfica os benefícios espirituais que na Eucaristia se tornam acessíveis.

Em sequência, dentro da mesma “Missa de Pentecostes”, o prefácio nos elucida a missão e ação do Espírito tendo como raiz a Sagrada Escritura. O núcleo do prefácio, recorda fundamentalmente o acontecimento de Pentecostes:

Para levar à plenitude os mistérios pascais, derramastes, hoje, o Espírito Santo prometido, em favor de vossos filhos e filhas. Desde o nascimento da Igreja, é ele que dá aos povos o conhecimento do verdadeiro Deus; e une, numa só fé, a diversidade das raças e línguas. (MR, p.319).

Este prefácio, recorda a Igreja de maneira singular o mistério de Pentecostes, recordando que o derramamento do Espírito cumpre a promessa que Jesus havia feito de enviar o Paráclito (derramastes, hoje, o Espírito Santo *prometido*) e igualmente recorda a presença do Espírito no início da Igreja (*desde o nascimento da Igreja, é ele que dá aos povos o conhecimento do verdadeiro Deus*). A partir deste texto, vemos que a presença e a ação do Espírito na liturgia, está sempre em função de recordar a sua própria presença na Igreja, como que uma *anamnese* constante de Si próprio.

2.3.1 A Oração Eucarística

Transcorrido o canto do “Santo”, chegamos, pois, a oração eucarística. A oração eucarística é um momento ímpar em toda a Celebração Eucarística, ela é “o coração da Missa, especialmente as palavras da consagração” (ASSUNÇÃO, 2016, p.164). Buscamos, pois, a presença do Espírito Santo a partir da Oração Eucarística II, que “é em seu cerne, uma reelaboração da anáfora de Hipólito” (BERGUER, 2010, p.280) e a mais antiga conhecida pela Igreja. Por esta oração, a Igreja clama o Espírito para que a grande graça da presença do Filho ocorra. Na tradição ocidental, frequentemente não se enfatiza a relação desta oração com o Espírito, entretanto,

O oriente está convencido de que a Oração Eucarística é a maior invocação da Igreja, que se derrama o Espírito Santo. Na Eucaristia age não somente Cristo, mas também o Espírito Santo. O Ocidente, por sua vez, dá mais importância às palavras da instituição, desenvolvendo uma liturgia mais cristocêntrica. A presença de Cristo nas espécies eucarísticas é “verdadeira, real e substancial”, sem esquecer o Espírito Santo que age e regula tudo. O olhar pneumatológico, assim considerado, é garantia de uma Eucaristia com uma tonalidade mais pascal, mais rica, mais eclesial, mais viva, na qual se manifesta, claramente, o mistério. (MAQUEDA, 2020, p.105).

Momento particular da ação do Espírito na oração eucarística é a *epiclese*³¹, “este termo grego, significa: *invocar sobre*” (*Ibid.*, 2020, p.36), é a prece da Igreja para que o Espírito se faça presente e atuante na liturgia em vista da transubstanciação, a

³¹ “O Espírito Santo que na Páscoa irrompeu no sepulcro e tocando no corpo de Jesus, O fez viver novamente, repete na Eucaristia esta maravilha. Ele vem sobre os elementos mortos do pão e do vinho e lhes dá vida, faz deles o corpo e o sangue vivos do Redentor. Verdadeiramente, como o próprio Jesus disse sobre a Eucaristia, “é o Espírito que dá a vida” (Jo 6,63). (Cardeal Cantalamessa, IV Pregação da Quaresma, 01.04.2022, [tradução nossa], disponível em: <http://www.cantalamessa.org/?p=4017&lang=fr>. Acesso em: 12.04.2022).

epiclese é sempre uma oração “na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo ser humano sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo” (IGMR, 79). A respeito ainda desta oração, de maneira em particular na Oração Eucarística II, diz-nos Augé:

A *epiclese* consagratória da nossa oração eucarística mostra que a consagração está para acontecer através da intervenção do Espírito Santo, que comunica força às palavras pronunciadas, uma vez por Cristo e agora repetidas pelo ministro. (1998, p.167).

Embora, se expresse de maneira muito mais frequente esse momento como de especial ação do Espírito na liturgia, nem sempre se leva em consideração o movimento que dele advém. A *epiclese*, caracteriza-se de fato como especial momento na liturgia eucarística, entretanto, ela é apenas o pedido que a Igreja faz para que o Espírito se faça presente: “Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, **afim** de que se tornem para nós, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo...” (MR, p.478). Entretanto, a *epiclese* se completa com outros dois movimentos: *paraclese* e *anaclese*. O primeiro diz respeito ao “efeito da presença e da ação do Espírito Santo como fruto da invocação (*epiclese*) feita ao Pai” (MAQUEDA, 2020, p.45). O segundo diz respeito ao efeito da presença do Espírito, “a ação que o Espírito Santo realiza no momento da volta/retorno ao Pai; em resumo, ser/estar na Santíssima Trindade” (*Ibid.*, p.45).

Desta forma, a presença do Espírito Santo neste momento da liturgia, ocorre sempre através dos movimentos de *epiclese*, *paraclese* e *anaclese*, assim, “Pedimos ao Pai que envie seu Espírito Santo (*epiclese*) para transformar o pão e o vinho e para transformar a assembleia (*paraclese*), a fim de que preste culto e dê glória e louvor a Deus (*anaclese*)” (*Ibid.*, p.45).

Naturalmente, em sequência deste momento, a consagração, momento ápice de toda celebração eucarística, não poderia ser outra coisa senão, um momento que acontece em sintonia com o Espírito. Neste momento, o Espírito Santo age como aquele que evidencia a presença de Cristo nas espécies do pão e do vinho, a Igreja, pelas palavras do celebrante pede que advenha o Espírito Santo sobre a matéria e o Espírito vem tornando-a Corpo e Sangue de Jesus Cristo,

O Espírito torna possível o memorial (*anamnese*) litúrgico, ou seja, ele

é quem *traz*, aqui e agora, a salvação de Cristo, que atualiza os acontecimentos passados do Antigo e do Novo Testamento. Tudo isso é possível através da celebração: ela é o lugar do *memorial* e da *anamnese*. (MAQUEDA, 2020, p. 58).

Assim sendo, vemos que há uma forte ênfase na relação de Cristo presente na Eucaristia e do Espírito Santo, que é quem faz Cristo presente na Eucaristia. De fato, “a presença de Cristo na Eucaristia é seu retorno no Espírito Santo como antegozo da segunda vinda” (PAPROKI, 1993, p.100). Não se anula o caráter próprio do Cristo, mas se reforça que é o Espírito que torna possível a atualização do mistério, como reforça Yves Congar:

No fundo, toda consagração é realizada por meio das palavras do Senhor, pronunciadas de uma vez para sempre na última ceia, e cuja eficácia, uma vez repetidas pelo sacerdote, é atualizada pelo Espírito Santo em nossas celebrações. (CONGAR, *apud*. CASTELLANO, 2008, p.208).

A oração Eucarística II ainda enriquece a presença do Espírito Santo em uma oração muito significativa, uma “segunda *epiclese*”, que se apresenta de maneira especial em relação à comunhão que o Espírito promove. Nesta oração ouvimos: “*E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo*” (MR, p.480) esse caráter de comunhão será reforçado pela doxologia: “*Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo...*” (*Ibid.*, p.581).

Esta “segunda *epiclese*”, reforça justamente a recepção do Espírito que nos vem da participação no banquete sagrado, como que recordando que o Senhor Jesus é aquele que concede o Espírito, o que não poderia jamais passar de maneira diferente para a concepção teológica da liturgia, pelo contrário, deve ser uma realidade natural, pois, “Cristo é *pneumatóforo*, porque traz consigo o Espírito Santo. Portanto, a celebração é manifestação tanto de Cristo como do Espírito Santo; quem acolhe um, acolhe o outro”. (MAQUEDA, 2020, p.61).

Tudo isso ganha uma força maior em relação ao evento de Pentecostes, que é justamente o ápice da experiência de unidade da Igreja nascente, o momento privilegiado em que experimentaram ser “um só corpo e um só espírito”, desta forma,

Oramos com as anáforas da liturgia romana, mais que em uma nova

epiclese, como muitas vezes se afirma impropriamente, em uma confissão de fé que constata a efusão do Espírito como dom da comunhão com Cristo. Aqui podemos descobrir um paralelismo com o mistério de Pentecostes: a comunhão que renova nos fiéis o dom do Espírito Santo é o novo e contínuo Pentecostes que faz a Igreja. (CASTELLANO, 2008, p.210).

E não somente isso, o caráter da comunhão reforça que “os comungados produzem frutos da comunhão eucarística da comunidade que cresce na unidade” (AUGÉ, 1998, p.167); dessa forma, a presença “unificante” do Espírito manifesta-se de forma clara nestas duas *epicleses*, “uma epiclese de consagração, e depois uma epiclese de comunhão” (*Ibid.* p.167).

Em continuidade, a doxologia, embora apresente-se como uma oração de forte caráter Cristológico, não poderia por isso, esquivar-se da presença e da ação do Espírito Santo, sobretudo, porque esta oração salienta justamente algo que encontramos na segunda *epiclese* precedente: o caráter de comunhão. Esta oração reforça a importância da comunhão promovida pelo Espírito na Igreja, “pois a Igreja é congregada para a união e comunhão, no Espírito Santo: *Sancto Spiritu congregata*, e está santificada através da morada dele na mesma. Ela é a morada do Espírito Santo” (JUNGMANN, 2008, p.719).

Em linhas gerais, o Espírito Santo possui um papel central e fundamental na Oração Eucarística e não poderíamos compreender este momento nuclear do rito da celebração eucarística sem tê-lo em conta, justamente por isso, vemos um resgate da importância deste papel do Espírito nas palavras de Bento XVI:

Neste horizonte, compreende-se a função decisiva que tem o Espírito Santo na celebração eucarística e, de modo particular, no que se refere à transubstanciação. É fácil de comprovar a consciência disto mesmo nos Padres da Igreja; nas suas Catequeses, São Cirilo de Jerusalém recorda que “invocamos Deus misericordioso para que envie o seu Santo Espírito sobre as oblações que apresentamos a fim de Ele transformar o pão em corpo de Cristo e o vinho em sangue de Cristo. O que o Espírito Santo toca, é santificado e transformado totalmente”. Também São João Crisóstomo assinala que o sacerdote invoca o Espírito Santo quando celebra o Sacrifício: (26) à semelhança de Elias, o ministro atrai o Espírito Santo para que, “descendo a graça sobre a vítima, se incendeiem por meio dela as almas de todos”. É extremamente necessária, para a vida espiritual dos fiéis, uma consciência mais clara da riqueza da anáfora: esta, juntamente com as palavras pronunciadas por Cristo na Última Ceia, contém a epiclese, que é invocação ao Pai para que faça descer o dom do Espírito a fim de o pão e o vinho se tornarem o corpo e o sangue de

Jesus Cristo, e para que “a comunidade inteira se torne cada vez mais corpo de Cristo”. O Espírito, invocado pelo celebrante sobre os dons do pão e do vinho colocados sobre o altar, é o mesmo que reúne os fiéis “num só corpo”, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai. (SCa 13).

2.3.2 Rito da Comunhão

Concluída a doxologia, se passa ao rito da comunhão, que é a expressão central do culto, pois é igualmente o meio pelo qual os fiéis chegam ao ápice de sua comunhão com o Senhor; este momento do rito é sempre iniciado pela oração do Senhor ou Pai-nosso, assim, “O Pai-nosso é, ao mesmo tempo, o início e o centro do rito da comunhão” (ASSUNÇÃO, 2016, p.273). Entretanto, este caráter central do rito da comunhão, bem como a oração que introduz este mistério, não são da origem do culto cristão, como afirma Jungmann:

Segundo as notícias mais antigas, a comunhão formava simplesmente o fim da celebração eucarística, sem que estivesse ainda acompanhada por orações específicas; a preparação oracional residia simplesmente no oferecimento agradecido a Deus” (2008, p.728).

E como bem salienta Augé:

Antigamente em Roma, como nas demais Igrejas ocidentais e grande parte das orientais, o *Pai-nosso* era rezado depois da fração do Pão. Gregório Magno, no ano 600 aproximadamente, transferiu-o para o lugar que ocupa atualmente, logo após o cânon, para ligá-lo, de algum modo, ao próprio centro da celebração. (1998, p.177)

Para esta tão notável oração, encontramos na liturgia duas referências ao Espírito nas fórmulas introdutórias ao Pai-nosso. A primeira fórmula denota muito subjetivamente o mistério de Pentecostes, ao recordar a comunicação do Espírito: “*O Senhor nos comunicou o seu Espírito. Com a confiança e a liberdade de filhos, digamos juntos...*” (MR, p.500). Desta forma, podemos intuir que a presença do Espírito traz à comunidade a confiança e liberdade necessárias para se compreenderem em sua condição de filhos, ou seja, o Espírito é Aquele que ora na comunidade, é a expressão visível da *anaclese*, o efeito que o Espírito causa ao retornar ao Pai, que suscita a comunidade à oração, como bem recorda São Paulo: “Assim também o Espírito socorre nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir

como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rm 8,26).

A segunda fórmula denota a ação condutora do Espírito: "*Guiados pelo Espírito de Jesus e iluminados pela sabedoria do Evangelho, ousamos dizer...*" (MR, p.500). Esta fórmula, às percepções mais sensíveis, traz uma delicada referência à guia do Espírito, que nos guia também, de forma que sejamos como "Jesus [que] foi conduzido pelo Espírito ao deserto" (Mt 4,1).

Chega-se, pois, à comunhão, mistério que encerra em si toda a realidade da redenção e fruto da grande presença do Espírito, podemos crer firmemente que

A celebração sempre é eficaz graças aos frutos do Espírito Santo. As pessoas que compõem a assembleia têm suas limitações, não são perfeitas, mas graças ao Espírito Santo, essas limitações se veem superadas, e a celebração eucarística alcança sua plenitude. (MAQUEDA, 2020, p.55).

E assim, igualmente a comunhão é eficaz por essa presença do Espírito que supera nossas limitações afim de que possamos estabelecer comunhão com Deus por meio da Eucaristia, este é o momento onde a divindade e a humanidade se apertam as mãos, sendo o Espírito o vínculo de união; é o momento onde a efusão do Espírito alcança seu ponto culminante, salvífico e transformante.

Para o rito da comunhão, quando não há canto, o Missal Romano prevê uma antífona que introduza o momento, para a missa de Pentecostes lemos: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e proclamavam as maravilhas de Deus, aleluia!" (At 2, 4.11; MR, p.372) que recorda justamente a presença do Espírito na comunidade, como nos Atos dos Apóstolos.

De fato, a Eucaristia está intimamente relacionada à presença e aos dons do Espírito, uma vez que

Mediante a Eucaristia, o Espírito Santo leva a efeito aquele 'fortalecimento do homem interior', de que fala a Epístola aos Efésios. Mediante a Eucaristia, as pessoas e as comunidades, sob a ação do Paráclito-Consolador, aprendem a descobrir o sentido divino da vida humana, lembrado pelo Concílio Vaticano II: aquele sentido, pelo qual Jesus Cristo 'revela plenamente o homem ao próprio homem', sugerindo 'uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade'. Tal união exprime-se e realiza-se, de modo particular, mediante a Eucaristia, na qual o homem, participando no sacrifício de Cristo, que a celebração atualiza, aprende também a 'encontrar-se ... no dom ... de si', na

comunhão com Deus e com os outros homens, seus irmãos. (DeV, 62).

Justamente por essa razão, torna-se de salutar importância compreender este momento da comunhão à luz do Espírito, uma vez que recebendo o Filho que está presente na Eucaristia, se está recebendo toda a Trindade, ali está, pois, uma forte presença do Espírito que vive e atua na comunhão com o fiel, este mesmo Espírito continua a soprar sobre a vida do homem e,

O sopro recôndito do Espírito divino faz com que o espírito humano, por sua vez se abra, diante de Deus que se abre para ele, com desígnio salvífico e santificante. Pelo dom da graça, que vem do Espírito Santo, o homem entra 'numa vida nova', é introduzido na realidade sobrenatural da própria vida divina e torna-se 'habitação do Espírito Santo', 'templo vivo de Deus'. Com efeito, pelo Espírito Santo, o Pai e o Filho vêm a ele e fazem nele a sua morada. Na comunhão de graça com a Santíssima Trindade dilata-se 'o espaço vital' do homem, elevado ao nível sobrenatural da vida divina. (DeV, 58).

Desta forma, vemos que pela comunhão, o Espírito congrega a comunidade cristã como assembleia e a faz pneumatófora, ao passo que a própria comunhão que une os fiéis em Cristo, une-os igualmente o Espírito pela dimensão comunitária que na Eucaristia se faz presente, de forma que

A assembleia litúrgica é o lugar do Pentecostes do Espírito, mas não ao estilo daquele cenáculo *fechado* por medo, como aconteceu depois da morte de Cristo; porém como um cenáculo pentecostal aberto com a esperança do encontro com os demais. (MAQUEDA, 2020, p.92).

O rito da comunhão se encerra, pois, com a oração *depois da comunhão*; essa por sua vez, na missa de Pentecostes aparece: *“Ó Deus, que enriqueceis a vossa Igreja com os bens do céu, conservai a graça que lhe destes, para que cresçam os dons do Espírito Santo; e o alimento espiritual que recebemos aumente em nós a eterna redenção. Por Cristo, nosso Senhor”*. (MR, p.319).

Nesta oração conclusiva, percebemos que a Igreja pede a perpetuação da graça recebida de Deus em razão do Espírito Santo, para que ele esteja sempre mais presente à Igreja e para que a Igreja veja crescer em si a presença do Espírito nos dons que ele dispensa, deste modo, a assembleia litúrgica assume cada vez mais sua identidade pneumatófora, consciente de que, “a assembleia litúrgica é uma

comunidade que leva o Espírito e que se renova constantemente” (MAQUEDA, 2020, p.91). E vemos ainda que essa presença do Espírito manifesta ainda o caráter da redenção, como bem pede a oração, uma vez que este Espírito Santo perpetua o mistério pascal de Cristo e “une-a e impulsiona-a para Cristo [...] ele conduz a assembleia à presença de Cristo” (*Ibid.* p.93).

Encerrando a celebração da Eucaristia, temos a bênção final que tendo em si uma fórmula trinitária, não resume aí a presença do Espírito, mas encontra no Espírito a força para a missão, elemento essencial para a vivência eucarística e pneumática de todo cristão, pois, “a salvação, que é sempre um dom do Espírito, exige a colaboração do homem, para se salvar tanto a si próprio como aos outros” (RM, 9).

2.4 Considerações preliminares

Como apanhado geral de tudo o que vimos aqui, podemos observar que no rito litúrgico da celebração da Eucaristia, “a Igreja é enviada, pelo Espírito, para anunciar a Boa Notícia: a notícia do Ressuscitado. O Espírito Santo sustenta a Igreja e a convoca; impulsiona seus membros para Deus Pai” (MAQUEDA, 2020, p.140). Podemos observar de maneira pontual que o Espírito estabelece uma união “sinérgica” com a assembleia e sua presença nos diversos momentos do rito testemunha isso. Também podemos observar que o Espírito Santo entremeia todo o rito litúrgico, como o verdadeiro condutor da oração do povo sob a guia do sacerdote; de fato, a presença do Espírito, pudemos perceber pelo presente capítulo vivifica toda a ação litúrgica da caminhada ao altar ao momento depois da comunhão.

Desta forma, já podemos perceber que a presença do Espírito está muito além da compreensão emotiva na qual muitos creem, uma vez que “a liturgia é emoção sempre dominada” (GUARDINI, 2017, p.21), mas que ele está presente de maneira simples e sutil na oração da Igreja, que Dele está repleta, embebida, nutrida e Nele se consuma e vemos que a ampla presença do Espírito Santo no rito da celebração da Eucaristia enriquece a *prex liturgica* impulsionando a Igreja sempre mais a Cristo Jesus. Justamente por isso, torna-se ímpar compreender qual o efeito causado na vida dos fiéis pela presença do Espírito na celebração da Eucaristia, que não está na relação emotiva, mas na edificação de uma vida espiritual que visa a santidade dos fiéis que celebram os mistérios divinos.

CAPÍTULO III

O EFEITO DA PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO: LITURGIA FONTE ESPIRITUALIDADE

3.1 Introdução

Como já foi dito, a experiência com o Espírito Santo está muito além de uma subjetiva experiência emotivo-sentimental, pela experiência litúrgica da Igreja, vemos que o Espírito age de maneira concreta na vida da comunidade cristã, quando celebra os mistérios de sua salvação e que sua presença não se caracteriza pela subjetividade, mas pela objetividade de sua relação com o culto celebrado.

Sabendo que o Espírito age direta e realmente na celebração da Eucaristia, ponto culminante da vida da Igreja, podemos nos perguntar, quais os efeitos de sua presença? O que o Espírito realiza na vida dos fiéis? Assim, sendo, buscamos apresentar neste capítulo o efeito da presença do Espírito na vida daqueles que celebram o mistério salvífico, efeito este que tende objetivamente para a vida espiritual dos fiéis, que na liturgia celebrada e vivida, encontram um caminho seguro para a experiência pneumatológica.

3.2 Liturgia como fonte e ápice da espiritualidade

Percebemos que a vida interior, isto é, a espiritualidade de cada cristão, encontra na experiência eucarística, ou seja, na celebração da Eucaristia, o meio mais perfeito de nutrir-se, uma vez que, na celebração deste tão salutar sacramento, abunda Aquele que produz a vida interior em cada um de nós: o Espírito Santo.

Antes de mais nada, precisamos compreender o que quer dizer o termo espiritualidade. Etimologicamente, espiritualidade significa “1. Qualidade ou caráter de espiritual. 2. O progresso metódico dos valores espirituais.” (AURÉLIO, 2009, p. 812). Já teologicamente, vemos que

O termo “espiritualidade” pode ter os seguintes significados: a espiritualidade é a ‘qualidade do que é espiritual’ (de Deus, dos anjos, da alma humana, da Igreja); é o sinônimo de piedade realmente possuída (de um santo, até de qualquer um que tenha relações de ‘serviço’ com o *divinum*, embora não seja cristão); é a ciência mesma que estuda e ensina os princípios e as práticas dos quais se compõe

aquela dada real piedade, aquele dado serviço de Deus". (ANCILLI, 2012, p.897)

Assim sendo, podemos afirmar que a espiritualidade diz respeito ao progresso interior do homem em seu processo espiritual. Para tanto, no presente capítulo, movidos pela compreensão de que "a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo a fonte de que promana sua força" (SC 10), tendemos a apresentar como a liturgia, impregnada do ser espiritual por excelência, ou seja, o Espírito Santo, torna-se fonte para a espiritualidade cristã, visto que "por espiritualidade cristã entendemos 'um itinerário de vida no Espírito'". (AUGÉ, 1998, p.342).

A liturgia celebrada pela Igreja, tem profunda relação com a vida espiritual, à medida que continuamente atualiza o mistério pascal de Cristo, centro de toda a vida espiritual da Igreja, "especialmente da Eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja" (SC 10).

De fato, podemos crer que toda a vida cristã, necessita de uma renovação constante de suas forças e a dimensão espiritual desta vida não poderia necessitar menos de tal renovação. Especial momento desta "renovação de forças" é justamente na celebração onde o Senhor dá de Si mesmo como alimento, isto é, a Eucaristia, onde se renova continuamente a aliança entre Deus e os homens e onde se firma uma vida espiritual autêntica.

Neste certame da relação da vida espiritual com a liturgia, assume papel especial a oração, que entremeia todo o rito da celebração da Eucaristia, atribuindo-lhe justamente a característica de culto a Deus. É de suma importância recordar que

O Espírito Santo, que está em Cristo, em toda a Igreja e em cada um dos batizados, é quem realiza a unidade da Igreja orante. O mesmo Espírito vem em socorro de nossa fraqueza e intercede em nosso favor com gemidos inefáveis (Rm 8,26) [...] Por conseguinte, não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unifica a Igreja inteira, levando-a pelo Filho ao Pai (IGLH, 8).

Neste sentido, a oração da Igreja, celebrada e vivenciada na liturgia, torna-se o molde de toda a oração, caminho chave para o crescimento da espiritualidade. O rito litúrgico, torna-se fonte segura de como a espiritualidade deve proceder, uma vez que a celebração da liturgia, especialmente da Eucaristia, está sempre voltada para

os mistérios pascais.

Assim, o Espírito que ensina os crentes a orar e os conduz ao mistério pascal, na verdade, “na liturgia o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus” (CIC 1091). Deste modo, vemos que essa fonte, que é o culto litúrgico, está seguramente embebida do Espírito, haja vista que “toda oração eclesial é feita no Espírito e, portanto, é oração do Espírito”. (CASTELLANO, 2008, p.206) e assim o Espírito enche de vida o espírito dos fiéis:

Existe um poder real que anima e domina esta unidade de vida, que incorpora nela o ser individual, o faz participante na vida comum e nela o mantém: “o Espírito de Cristo”, o Espírito Santo. Cada crente é individualmente uma célula desta unidade vital, um membro deste corpo”. (GUARDINI, 2017, p.34).

3.2.1 Espiritualidade Bíblica

Expressão mais notável de como o Espírito “educa” para a oração é a palavra de Deus. “A Igreja é convocada pela palavra de Deus” (AUGÉ, 2002, p.111) e a palavra de Deus está presente como elemento indispensável na celebração litúrgica, de fato, a primeira comunhão que estabelecemos com o Senhor é por meio de sua palavra para então passamos à comunhão eucarística.

Mas a palavra de Deus é fonte da liturgia, e conseqüentemente da espiritualidade, e por ela o Espírito nos fala, como bem recorda Martín: “a liturgia nunca proclama a Palavra abstratamente, mas guiada pelo Espírito, seleciona e propõe diversos conteúdos salvíficos seguindo a celebração do mistério de Cristo” (2006, p. 488). Desta fonte que é a palavra de Deus, nutrimo-nos dos elementos basilares da salvação e o próprio Espírito nos conduz à plena compreensão dos mistérios aí apresentados e à forma como nutrimo-nos deles para a oração. Essa relação liturgia-Espírito-Escritura, compreendemos à luz de Augé:

Segundo a tradição cristã (Cf. Lc 4,16-21), como já segundo a tradição hebraica (Cf. Ne 8), na liturgia, a Escritura, pelo fato de ser proclamada, torna-se Palavra. Por seu lado, a oração litúrgica (oração da Igreja) nasce e se constitui como um efeito e resposta a partir desta Palavra que a gera: “na ação litúrgica a Igreja responde fielmente àquele mesmo ‘Amém’ que Cristo mediador entre Deus e os homens, pronunciou uma única vez, em favor de todos os tempos, com a efusão do seu sangue, para dar sanção divina à nova aliança no Espírito

Santo. (2002, p.112).

Desta forma, percebemos a espiritualidade litúrgica, como uma realidade profundamente bíblica. Da Sagrada Escritura, a liturgia nutre-se fundamentalmente e não pode dela se abster, pois é sempre e justamente a Escritura, inspirada pelo Espírito, que prepara a ação da liturgia e a enriquece com o anúncio da salvação, operada pelo Pai no Filho através do Espírito Santo. A relação do Espírito na dimensão bíblica da espiritualidade, leva-nos a perceber ainda o caráter profético que desta realidade espiritual deve nascer, sobretudo no que diz respeito à unidade entre culto e vida, assim, basta-nos recordar os escritos de alguns profetas, como por exemplo,

O profeta Isaías escreve (1,11-17): “De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? [...] Parai de trazer ofertas vãs! Eu abomino o incenso! [...] aprendei a fazer o bem: buscai o direito”; e o profeta Jeremias admoesta os peregrinos que, em romaria, chegam ao Templo cantando: “Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor!” (7,4), dizendo-lhes: “Só se corrigirdes realmente vossos caminhos e vossas obras, se praticardes o direito uns com os outros [...] só então vos farei habitar neste lugar” (7,5-7). (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p.52)

Desta forma, vemos que há uma importante realidade profética na dimensão bíblica da espiritualidade litúrgica e podemos crer que o mesmo Espírito Santo que falou pelos profetas e fala à Igreja na ação litúrgica, não deixa de a impelir à profecia (anúncio e denúncia) ainda no tempo de hoje, fazendo os crentes sensíveis ao sentido salvífico do culto celebrado,

Com efeito, na liturgia se percebe que os destinatários da Palavra divina não são unicamente os fiéis isolados, mas o povo de Deus congregado pelo Espírito Santo, que se faz assembleia de oração, mediante a escuta da Palavra. (MARTÍN, 2006, p.156).

Desta forma, a presença do Espírito torna-se fundamental para uma adequada vivência da espiritualidade bíblica presente na celebração eucarística, pois, “pela ação do Espírito, que acompanha sempre a Palavra (cf. Sl 33,6) e vai recordando (*anamnesis*) e guiando para a verdade plena, a ‘palavra de Deus’ se transforma em fundamento da ação litúrgica e na norma e ajuda de toda a vida” (*Ibid.*, p.78).

3.2.2 Espiritualidade Cristológica

Outra importante realidade da dimensão bíblica, é a realidade cristológica. Não é de se surpreender que também a dimensão cristológica seja muito presente na espiritualidade, uma vez que “a liturgia abrange todas as dimensões da história salvífica reunidas e centradas em Cristo” (AUGÉ, 1998, p.348) e esta dimensão brota diretamente da escuta da Palavra, “a Palavra é escutada no Espírito” (MAQUEDA, 2020, p.70) que a inspirou e esse mesmo Espírito, pela palavra nos impulsiona para o Filho, num movimento de entrega total, de forma que podemos crer que “o Pai entregou o Filho, que é a Palavra, no amor do Espírito” (*Ibid.* p.71). Por isso mesmo, a presença e ação do Espírito Santo na liturgia tende sempre a Cristo, desta forma seu efeito na espiritualidade litúrgica não seria outro senão levar os fiéis sempre mais à Cristo, o que na celebração da Eucaristia se manifesta de modo visível e tangível no sacramento do Corpo do Senhor.

Na liturgia, o Espírito conduz os fiéis ao ponto alto da espiritualidade, promovendo não só a presença de Cristo, como também, promovendo nos fiéis a consciência desta presença, por isso, não incorremos em erro em concordar com Augé: “Cristo está presente na Igreja que ele vivifica e conserva no Espírito” (1998, p.348) e esse mesmo Espírito educa os fiéis para vivenciar e experimentar essa dimensão cristológica da Espiritualidade, de fato, “na liturgia o Espírito Santo é o pedagogo da fé do Povo de Deus, artista das ‘obras-primas de Deus’ que são os sacramentos da Nova Aliança” (CIC 1091).

Desta forma, vemos que o efeito da ação/função do Espírito na liturgia, torna-a igualmente uma fonte de espiritualidade cristológica, à medida que direciona os fiéis ao Senhor, na certeza de que “Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas” (SC 7).

3.2.3 Espiritualidade Pascal

Se a Escritura e a própria pessoa de Jesus Cristo são elementos de tão grande relevância para tornar a liturgia uma fonte, há de se destacar ainda que outra realidade se associa à estas, e que não só caracteriza à liturgia como fonte, mas eleva-a à sua característica de cume: o mistério pascal.

A celebração da Eucaristia, recorda sempre e atualiza em todo tempo e lugar o “sacrifício pascal de Cristo que vos [a Deus] foi entregue” (Oração Eucarística VI-C,

MR p.857), neste mistério pascal, está centrada toda a fé da Igreja e é evidente que esta obra tão grandiosa não pode ocorrer sem a presença do Espírito; como já dissemos anteriormente, o Espírito é o “fazedor” de Cristo, e torna-se igualmente “fazedor” dos mistério que a Ele estão voltados, por isso mesmo, “o mistério pascal de Cristo chega até nós através do Espírito que é dom de Cristo morto e ressuscitado para a Igreja” (ANCILLI, 2012, p.1494).

O mistério pascal de Cristo, assume a centralidade não somente do culto litúrgico, mas igualmente da espiritualidade que dele emana e na qual o Espírito Santo age com força eficaz; este mistério pascal reúne em si o grande acontecimento salvífico de Jesus e toda “a história da salvação, que se concretizou no mistério de Cristo, encontra o seu acabamento, a sua realização e o seu centro na Páscoa (AUGÉ, 1998, p.350), que é a celebração da paixão, morte e ressurreição de Jesus, centro da fé cristã.

A dimensão pascal da espiritualidade projeta os fiéis ao encontro constante com o mistério de sua própria salvação à medida que faz presente no momento histórico em que estes se encontram, o mistério vivido pelo Salvador há séculos atrás, neste sentido, como já dispomos no presente trabalho, temos claro que é o Espírito Santo que faz presente este mistério, pois é ele o “fazedor” de Cristo e conseqüentemente do Mistério Pascal revivido no altar; este componente do mistério pascal na espiritualidade torna-se mais claro quando lemos que,

O Mistério Pascal é a *presença* da Paixão-morte-ressurreição de Cristo, enquanto ações salvíficas, no sacramento. No *sacramento*, fazemos hoje, por nós e pelos outros, aquilo que Cristo já fez no *fato histórico*, isto é: aquilo que a reflexão, ajudada pela revelação, nos faz descobrir nas duas componentes históricas se torna uma realidade objetivamente existente em nós em virtude do sacramento. (MARSILI, 2009, p. 697).

Desta maneira, a experiência pascal vivenciada por Jesus Cristo sob a orientação do Espírito Santo, modela o núcleo central da espiritualidade que este mesmo Espírito suscita na liturgia, levando-nos a compreender que

Não se entende mais a espiritualidade cristã reduzida aos “momentos de oração”, mas abrangendo o conjunto da existência que compõe o tecido da vida do cristão conduzido pelo Espírito Santo. É a “vida em Cristo” (ICor 1, 30), marcada pela pascalidade da cruz e movida pela oração, pelas lutas e pelo sofrimento que conduzem à libertação. (COSTA, 2005, p.42).

A dimensão pascal da espiritualidade, leva-nos a compreender que o Espírito tem um efeito direto de união da vida do Cristo na vida dos fiéis, a cada momento histórico em que se celebra a Eucaristia, o Espírito não só conflui sobre as espécies eucarísticas, mas sobre a própria vida dos fiéis, o efeito da presença do espírito sobre a espiritualidade pascal é a pura relação *epiclese-paraclese-anaclese* já mencionada.

3.2.4 Espiritualidade Eclesial

A celebração da Eucaristia, mesmo quando celebrada pelo sacerdote sem o povo, nunca é um ato isolado, mas um ato de íntima comunhão com toda a Igreja, comunhão que se manifesta nas preces que são dirigidas a Deus em favor de todo o corpo eclesial; assim sendo, não se pode crer que não seja outro o vínculo de união eclesial que não seja o Espírito Santo.

Através da dimensão eclesial da liturgia, o Espírito educa e promove nos fiéis a comunhão própria do Corpo de Cristo, mostra-nos que a espiritualidade passa necessariamente pela experiência da comunidade que reunida, celebra o mistério; por isso vemos que “a oração litúrgica é, essencialmente comunitária: é sempre o nós eclesial, no qual se fundem todos os indivíduos para encontrar-se na dimensão de comunhão que é essencial à Igreja” (AUGÉ, 2002, p.109).

O Espírito Santo modela a espiritualidade litúrgica a partir da comunidade eclesial, pois nela está Cristo diretamente, estando assim Cristo na comunidade, também está o Espírito, pois, “Cristo não está isolado diante de nós. Como grão de trigo, Ele morreu sozinho, mas não ressurge sozinho: na sua Ressurreição Ele é espiga que compreende em si a comunhão dos santos” (RATZINGER, 2019, p.304).

A assembleia litúrgica, manifestação visível da “eclesialidade” está estritamente ligada pelo vínculo sacramental e conseqüentemente espiritual, e ela é diretamente constituída pelo Espírito, como bem recorda Santo Hipólito: “cada um deve se preocupar em ir à igreja, onde o Espírito Santo Floresce” (Santo Hipólito, Tradição Apostólica, *apud*. MAQUEDA, 2020, p.86), por isso mesmo, não se pode imaginar uma espiritualidade que parta da liturgia sem passar pela dimensão eclesial, pois, a assembleia eclesial “é, a um tempo, *efeito* da ação do Espírito Santo e *âmbito* onde ele se faz presente” (MAQUEDA, 2020, p.86).

Ainda nesta perspectiva eclesial, vale recordar uma notável analogia sobre a

importância do corpo eclesial na Eucaristia e conseqüentemente na espiritualidade:

Desenvolvendo um pensamento já esboçado na Didaké, Santo Agostinho vê uma analogia no modo em que se formam os dois corpos de Cristo: o eucarístico e o eclesial. No caso da Eucaristia, temos o grão de trigo primeiramente lançado nas colinas que, debulhado, moído, misturado na água e cozido ao fogo, torna-se o pão que chega sobre o altar; no caso da Igreja, temos a multidão das pessoas que, reunidas pela pregação evangélica, moídas pelos jejuns e pela penitência, misturadas na água do batismo e cozidas ao fogo do Espírito, formam o corpo que é a Igreja. (CANTALAMESSA, 2022³²).

A partir desta afirmação, podemos compreender a importância que a assembleia eclesial possui em relação à espiritualidade e nos traz a viva compreensão de que “a dimensão eclesiológica da liturgia se torna evidente, especialmente na celebração dos sacramentos, dos quais a Igreja é ministro e sujeito” (AUGÉ, 1998, p.349).

3.3 Liturgia como meio de santificação dos fiéis

Podemos crer certamente que “a liturgia é o lugar decisivo para a formação do cristão à oração” (BOSELLI, 2017, p.147) e conseqüentemente para a santidade; de fato, a liturgia que constitui a assembleia cristã como *pneumatófora*, pela força do próprio Espírito que nela se faz presente, coopera de maneira eficaz para sua santificação.

A Igreja celebra um mistério³³ que está essencialmente imbuído da presença do Espírito Santo, um efeito muito direto desta presença do Espírito na liturgia celebrada, é que este mesmo Espírito conflui diretamente na vida dos fiéis através da espiritualidade gestada pela graça no coração dos fiéis, entretanto,

Não se entende mais a espiritualidade cristã reduzida aos “momentos de oração”, mas abrangendo o conjunto de sua existência que compõe o tecido da vida do cristão conduzido pelo Espírito Santo. É a “vida em Cristo”, marcada pela pascalidade da cruz e movida pela oração. (COSTA, 2005, p.42)

³² Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-03/terceira-pregacao-da-quaresma-2022-cardeal-cantalamezza.html>. Acesso em 13.04.2022.

³³ Cf. CASEL, Odo. O Mistério do culto no cristianismo. Trad. Gemma Scardini. São Paulo: Loyola, 2009. Para maior compreensão da relação entre celebração e mistério.

Neste sentido, a liturgia da Eucaristia celebrada pela Igreja, colabora para uma autêntica vivência da espiritualidade, uma vez que é fundamentalmente marcada pela vivência do mistério da cruz e da páscoa do Senhor, tendo sempre em conta a ação mistérica do Espírito Santo, que atualiza a cada celebração estas realidades.

A autenticidade da espiritualidade gestada pela liturgia, tem nesta, somente sua origem, mas está muito além dela. O Espírito Santo, age não somente no rito litúrgico (embora este seja o lugar primordial e privilegiado da ação do Espírito), mas também na vida dos fiéis, pois é nesta que se edifica a santidade, que se alimenta e se mantém no mistério celebrado. A dinâmica espiritual que celebra, necessita encontrar resposta na dinâmica espiritual que vive, nesta perspectiva, na celebração da Eucaristia, mistério de cruz e ressurreição, “o Espírito Santo transforma as vidas dos participantes; na realidade; é o lugar onde a *epiclese* consegue seus efeitos: a *paraclese*”. (MAQUEDA, 2020, p.93) e não somente isso,

A Liturgia, celebrada em certos momentos, mas incessantemente por viver, é o único mistério de Cristo que dá a vida aos homens. [...] O mesmo Cristo que celebramos é aquele que vivemos; aqui e lá, é sempre o seu mistério. [...] Seu Espírito Santo é a mesma fonte na qual nos abeberamos na celebração sacramental e que jorra no nosso coração como vida eterna. Todavia, sem celebração não há vida; se formos invadidos pelo rio da vida, de que maneira poderíamos produzir os frutos do Espírito? (CORBON, 1981, p.155)

Assim sendo, a liturgia gera vida nos fiéis, vida esta que não pode ser compreendida em outra perspectiva que não a da santidade, que é a vida divina agindo nos fiéis, mas a santidade que a liturgia gera nos fiéis é ainda, operada por um meio fundamental: a oração.

Pela oração, a santidade é diretamente operada na vida dos fiéis, aí o Espírito Santo tem primazia, pois “também o Espírito socorre a nossa fraqueza. [...] o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26) e não poderia ser de forma diferente, mesmo porque “a efusão do mistério da Liturgia na vida começa na oração” (CORBON, 1981, p.157), a oração é o canal pelo qual o Espírito encontra abertura e resposta dos fiéis para que possa agir e edificar a santidade e assim a oração litúrgica, oração da Igreja por excelência torna-se realmente capaz de gerar a santidade, mesmo porque “é a partir da oração do coração que a liturgia passa a ser vivida” (*Ibidem*).

A liturgia é um meio de santificação dos fiéis que encontra na oração o caminho

para realizar seu efeito e a oração litúrgica entrelaça o coração dos fiéis ao mistério celebrado, por ser ela intimamente conduzida pelo Espírito e por este mesmo Espírito capaz de divinizar o coração humano, sobretudo, partindo da Palavra de Deus que na liturgia tem um lugar de destaque; a oração litúrgica, pois, é por natureza própria, santificadora, possuindo uma dinâmica própria capaz de educar e santificar os fiéis, como nos recorda Boselli:

A oração litúrgica segue um movimento, uma dinâmica composta por três elementos que sucedem um ao outro: escuta da Palavra de Deus contida nas Escrituras; interiorização da Palavra escutada; interpretação. A liturgia, inserindo o crente neste movimento da oração, a ele ensina um verdadeiro e autêntico *ordo orationis*. (2019, p.151)

Assim sendo, vemos que a oração litúrgica, dentro da celebração da Eucaristia tem uma importância única que pode ser compreendida e resumida ao entendermos que “é na medida em que as orações são congênicas à eucaristia, que elas são especificamente cristãs” (VON ALLMEN, *apud*. AUGÉ, 2002, p.104).

3.4 Mistagogia: vivência e experiência do Espírito e dos mistérios na liturgia

Antes de qualquer coisa, é necessária uma clara compreensão do que se trata a mistagogia; uma adequada definição de mistagogia nos diz que:

Esta palavra grega significa originalmente conduzir os *mystoi*, ou seja, os iniciados e admitidos como membros, levando-os a um entendimento e uma vivência interior dos mistérios e a uma vida moldada por estes. (BERGUER, 2010, p.257).

A mistagogia consiste assim, no processo de iniciação os mistérios divinos, inspirada na prática da Igreja Primitiva que buscava “expor o significado dos ritos e símbolos dos sacramentos, isto é, os ‘mistérios’ somente depois que tivessem sido celebrados” (CHUPUNGCO, 2008, p.154). Assim, os Padres da Igreja faziam um percurso de introdução dos novos fiéis aos mistérios vividos e celebrados pela comunidade cristã, “de modo especial, os Padres habitualmente combinavam em seus escritos mistagógicos a tipologia bíblica e a teologia dos mistérios, e revelavam os significados profundos dos ritos litúrgicos” (PARO, 2018, p.30).

Assim munidos, podemos compreender a mistagogia como um processo de educação em vista da vivência e experiência dos mistérios salvíficos; neste contexto a liturgia, na qual o Espírito age com primazia, torna-se o lugar e momento mais adequados para este processo de recepção e experimentação do mistério, haja vista que “para os Padres da Igreja [...] a celebração dos mistérios é já a iniciação aos mistérios e, desta maneira, o mistério se revela quando é celebrado” (BOSELLI, 2017, p,18).

Já dissemos que o Espírito age na liturgia como pedagogo da fé, entretanto, há de se pontuar que no processo mistagógico, o Espírito tem caráter essencial, justamente por isso, a celebração litúrgica assume tão grande espaço na mistagogia, pois, “a celebração é o lugar, por excelência onde se derrama o Espírito Santo” (MAQUEDA, 2020, p.48) e nela o Espírito age de maneira mais completa e abundante na experiência e na vida de fé da Igreja, suscitando a cada celebração a força do mistério salvífico vivido por Jesus Cristo.

Tendo isso em conta, podemos perceber que toda a relação entre liturgia e Espírito Santo que apresentamos posteriormente, chega ao seu ápice através da mistagogia. Toda a presença do Espírito nos ritos da celebração da Eucaristia, é revestida de singular importância a partir da iniciação ao mistério que a cada celebração este mesmo Espírito faz atual para a Igreja.

A presença educativa do Espírito na liturgia ensina os fiéis a vivenciar de maneira autêntica o mistério celebrado, à medida que na liturgia os fiéis recebem os mistérios e pela ação do Espírito na dinâmica ritual litúrgica se tornam capazes de compreender e viver tais mistérios.

Em primeiro lugar, podemos destacar a dinâmica ritual-celebrativa em torno da Palavra de Deus. Boselli, nos traz uma importante observação neste campo:

Nas celebrações eucarísticas mais solenes, a liturgia romana prevê o gesto de colocar o evangeliário sobre o altar. [...]. No início da celebração, o evangeliário é levado solenemente e, num grande gesto ostensivo, atravessa toda a assembleia, até chegar no altar, que é o coração da assembleia. O evangeliário colocado sobre o altar é, realmente, epifania do mistério, do mistério da Palavra de Deus que, atravessando a existência do povo de Israel, encontra sua realização no *avodá*, ou seja, no serviço cultual prestado a Deus. (BOSELLI, 2017, p.23).

A afirmação de Boselli recorda a importância da Palavra de Deus na celebração

eucarística, e se recordamos bem o que foi dito anteriormente, a Liturgia da Palavra é um momento particularmente pneumático, e na proclamação da Palavra de Deus fica clara a presença do Espírito uma vez que “o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo” (VD 6). Assim, as ações mistagógico-rituais que envolvem a palavra de Deus, conduzidas pelo Espírito levam os fiéis a experimentar pelos meios sensíveis a força que da Palavra de Deus emana e que na liturgia se manifesta plenamente. Por isso mesmo, o simples fato ritual de se colocar o evangeliário sobre o altar, lugar do sacrifício, àqueles sensíveis à inspiração do Espírito, diz muito, pois este ato,

Torna-se a chave interpretativa, a hermenêutica daquilo que se celebra naquela liturgia que se inicia. Este gesto é realmente o ícone mais eloquente com o qual a liturgia manifesta a unidade intrínseca que a Igreja reconhece existir entre a Escritura e o mistério do altar, a Eucaristia (BOSELLI, 2017, p.24)

Naturalmente, este gesto, como qualquer outro só pode ser plenamente compreendido e experimentado em seu sentido mais autêntico e pleno à luz do Espírito Santo, pois somente “o Espírito torna possível que a comunidade escute, alimente-se e chegue a Cristo” (MAQUEDA, 2020, p.69).

A proclamação da Palavra de Deus é por si própria um profundo momento de encontro com o Espírito e mais ainda, é um momento de profunda mistagogia. Para nós deve estar claro que “a assembleia reúne-se para escutar a Palavra. Ela convoca-nos e constitui-nos como Igreja. Esta Palavra, porém, não o faz por si só, mas pelo Espírito” (*Ibidem*). E a partir disso, podemos compreender que a liturgia tem para com as Escrituras uma profunda e mútua relação espiritual que colabora para o processo mistagógico, desta forma,

Como as Escrituras escondem sob a casca da *graphé*, da escrita, um sentido espiritual, assim a liturgia esconde sob a casca do *ergon*, da ação, do gesto, do rito, um sentido espiritual. O rito é para a liturgia aquilo que a letra é para as Escrituras. Por isso, a liturgia, como as Escrituras, exige uma compreensão espiritual, uma penetração em profundidade. (BOSELLI, 2017, p. 27).

Para que se concretize, pois, essa compressão espiritual e para que se possa experimentar e introduzir os fiéis no mistério da Palavra de Deus, a liturgia da Palavra é coroada pela homilia.

Na homilia, a mistagogia encontra seu fulcro, sua essência, suas raízes, pois o

ápice do processo mistagógico no período primitivo dava-se justamente na homilia, como nos atestam as famosas Homilias Mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém³⁴, assim, explicava-se a simbologia e os ritos que envolviam o mistério e deixavam-no mais acessível aos fiéis.

Já dissemos anteriormente da importância da homilia e de sua relação com o Espírito, visto que “a palavra de Deus é repartida na homilia para vivificar a comunidade orante. O Espírito Santo é o artífice que torna possível que o fiel compreenda e assimile a Palavra para sua vida”. (MAQUEDA, 2020, p.77) e recordando ainda as palavras do Papa Francisco, podemos crer com firmeza que, “a confiança no Espírito Santo que atua na pregação não é meramente passiva, mas ativa e *criativa*” (EG 145), assim, o Espírito Santo, mistagogo por excelência é quem atua no sacerdote que explica o mistério divino, o próprio Espírito, nas palavras e termos humanos, revela e faz experimentar os mistérios divinos celebrados em torno da Eucaristia. Por isso, a relação com a Escritura tem tão grande importância para a mistagogia, assim,

A mistagogia é o método e o instrumento que a Igreja antiga nos entrega para fazer com que os fiéis vivam daquilo que celebram. O que a *lectio divina* é para as Escrituras, a mistagogia o é para a liturgia” (BOSELLI, 2017, p.12).

Após a experiência mistagógica com liturgia da Palavra, passa-se a experiência eucarística, que marca o centro da celebração da Eucaristia e que porta em si uma particular ação do Espírito como já mencionamos. Pois neste momento tão particular no rito da celebração,

O Espírito desce. O céu junta-se à terra, Deus manifesta-se. Em sua dimensão ascendente, a liturgia é a voz do Espírito Santo, em Cristo-Igreja, para a glória do Pai. Os fiéis invocam e oram, a terra junta-se ao céu, rendemos culto a Deus. (MAQUEDA, 2020, p.34).

A liturgia eucarística põe-nos em caráter mistagógico dentro do rito celebrativo na medida em que faz-nos compreender os sinais do sacrifício pascal.

O principal dentre eles é a apresentação dos dons, pela qual os fiéis, ao apresentarem os dons do pão e do vinho se tornam partícipes do mistério sacramental que o Espírito Santo realiza sobre o altar. Neste sentido, dentro do processo

³⁴ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses Mistagógicas. Petrópolis: Vozes, 2004.

mistagógico, o Espírito atua sobretudo pela *anamnese* do gesto das primícias do povo de Israel, que subia ao templo para apresentar os primeiros dons da terra e recordar a libertação do Egito. Assim, como o povo de outrora leva os dons ao Senhor recordando sua salvação da escravidão egípcia, o novo povo de Deus leva seus dons recordando sua salvação da escravidão da morte, isto é um gesto de memória viva, pois, “O rito da apresentação das primícias, não é só memória do passado, é também do presente, apelo à responsabilidade que Israel tem no hoje” (BOSELLI, 2017, p.83).

O ponto alto da relação mistagógica entre Espírito e assembleia neste momento do rito se dará na *epiclese*, onde “a assembleia invoca o Pai par que venha o Espírito (*epiclese*), a fim de transformar os dons” (MAQUEDA, 2020, p.90). Assim, podemos compreender que, pela ação simbólico-ritual, o Espírito introduz o povo a vivenciar o mistério de sua salvação, que Ele mesmo “atualiza” quando vem sobre os dons para fazê-los chegar à termo em sua função de ser *misterium fidei*.

A partir da ação ritual da apresentação dos dons, vemos o desenvolvimento de um processo ritual que nos põe em evidência toda uma ecologia que fortalece ainda mais a ação mistagógica do Espírito Santo. A mistagogia da liturgia eucarística recai particularmente sobre orações que nela estão presentes, orações estas que introduzem o povo de Deus no mistério pascal, orações pelas quais o Espírito inicia e educa seu povo para a vivência e experiência dos mistérios, tanto na perspectiva ritual-cultural como orante, uma vez que, “na liturgia o Espírito Santo é o pedagogo da fé do Povo de Deus [...] é preciso sempre recordar que é Deus mesmo, através da ação litúrgica, o primeiro pedagogo de seu povo em termos de oração” (BOSELLI, 2017, p.147).

3.5 Considerações preliminares

O Espírito Santo, dom de Deus para a vida da Igreja, continua a se manifestar e agir no meio dos fiéis, efeito de sua presença, pudemos perceber, é a santidade que na celebração litúrgica por excelência o Espírito gera nos fiéis, a esteira disso, fomos capazes de reconhecer na liturgia os elementos essenciais da espiritualidade que o Espírito Santo gera e que nesta mesma liturgia encontra suas linhas orientadoras.

A espiritualidade nascida através do Espírito na liturgia tem como objetivo levar os fiéis à santificação, que nada mais é do que a vida divina gerada no interior do homem e cultivada através da oração, que também encontra na liturgia seu paradigma

e sua expressão mais autêntica.

Por fim, vemos que através de todo este caminho de espiritualidade, o Espírito mesmo introduz os fiéis no mistério da salvação e não poderia ser diferente, se o Espírito conduz a liturgia, ele mesmo haveria de conduzir os fiéis a vivenciar, experimentar e colher os frutos por Ele produzidos na celebração dos mistérios, por isso mesmo, Ele é o grande mistagogo que faz os fiéis compreenderem a salvação que celebram.

Considerações finais

É certo que o Espírito continua a falar à Igreja (Ap 2,7) e que nela age diretamente vivificando e tornando cada vez mais presente a memória do mistério salvífico vivido por Nosso Senhor Jesus Cristo; vimos que o Espírito assiste o povo de Deus antes mesmo deste ser constituído como tal, preparando o caminho para a experiência que este povo haveria de fazer.

No decorrer da história, podemos perceber diversas transformações na compreensão de quem é a pessoa do Espírito, transformações que por vezes levaram a uma compreensão equivocada e que fizeram com que por muito tempo, ao menos na Igreja do Ocidente, o Espírito não tenha tido tanto espaço, quer na vivência da fé, quer na reflexão teológica e que ganhou espaço uma experiência subjetiva, emotiva e sentimental do Espírito, por vezes distante da fé professada pela Igreja.

Se no decorrer da história, tivemos de certo modo um hiato na percepção da relação Espírito-Igreja, na ação do Espírito na própria história vemos uma virada que o coloca em evidência novamente com o acontecimento do Concílio Vaticano II. O Concílio abriu-nos as portas para que pudéssemos redescobrir a presença do Espírito na vida da Igreja, sobretudo, na experiência litúrgica, além da experiência emotivo-sentimental; tendo o Concílio voltado às fontes da vida cristã e valorizando o tesouro litúrgico, tanto do Ocidente quanto do Oriente, redescobriu e trouxe para o “hoje” da Igreja uma nova e autêntica experiência com Espírito Santo a partir do culto divino, onde a fé da Igreja é mais autenticamente celebrada e vivida.

Tendo isso em conta, pudemos perceber que há uma ação concreta do Espírito na vida da Igreja, que parte diretamente da liturgia, que na celebração da Eucaristia, encontra sua fonte e seu ápice (LG 11) e na qual o Espírito emana abundantemente. Nos foi possível igualmente compreender como age o Espírito Santo na liturgia, compreendendo que sua ação não se resume a um único momento, mas permeia toda a ação litúrgica nutrindo-a e levando-a a termo. Por fim, fomos capazes de perceber ainda que a presença do Espírito Santo na liturgia, tem ainda um efeito prático na vida da Igreja, gerar e nutrir a vida espiritual dos fiéis, a ação do Espírito na liturgia santifica os fiéis e os inicia no mistério celebrado, fazendo-os experimentar e viver os mistérios divinos de uma maneira autêntica e condizente com a fé cristã.

Desta forma, no campo teológico, necessita-se abranger, aprofundar e redescobrir o estudo do Espírito Santo, como profeticamente o pedia São Paulo VI,

ao desejar “um novo estudo e um novo culto ao Espírito Santo, como complemento próprio e indispensável ao ensinamento conciliar” (São Paulo VI, Audiência Geral, 6 de junho de 1973)³⁵, que as limitações deste trabalho não possibilitaram abordar com a devida e necessária atenção, mas que não são menos necessárias para um desenvolvimento que não somente enriqueça, como também fortaleça a compreensão teológica pós-conciliar frente às distorções teológicas *ad intra et ad extra ecclesiam* do tempo presente.

No campo prático, identificamos a necessidade de fortalecer e adotar como caminho para a compreensão do Espírito a mistagogia, recentemente recobrada com sua importância fulcral para a Igreja³⁶, que não somente tende a formar pessoas em vista da vida sacramental, mas que tende justamente a introduzi-las à compreensão da vida cristã, assim, a mistagogia tende a possibilitar que estas pessoas, a partir de um processo pedagógico da fé, possam adentrar ao conhecimento e compreensão do Espírito e de sua presença e ação na liturgia, tal como buscamos apresentar no presente trabalho.

Por fim, podemos perceber que há ainda um vasto campo a ser desbravado, quer na ciência teológica, quer na vivência prática dos mistérios da fé, que requerem não unicamente um estudo, mas uma dedicação e um esforço da Igreja para caminhar ainda mais profundamente à luz do Espírito, tendo presente que este mesmo Espírito continua a se manifestar plena e concretamente e assim, fazendo-a perceber de maneira correta como se manifesta e como age este espírito dentro do campo litúrgico.

³⁵ Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1973/documents/hf_p-vi_aud_19730606.html. Acesso em 31.05.2022.

³⁶ Cf. *Diretório Geral para a Catequese*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html.

Documento 107 da CNBB: *Iniciação à Vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Mathias. **Liturgia – História, Celebração, Teologia, Espiritualidade**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

_____. **Espiritualidade Litúrgica: “oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus**. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

ANCILII, Ermano; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (orgs.). **Dicionário de Espiritualidade, vol. II**. Trad. Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, Paulinas, 2012.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **O sacrifício da Palavra – A Liturgia da missa segundo Bento XVI**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

BAYLÃO, Alexandre. **A Pneumatologia no pensamento de Yves Congar**. Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/18911>. Acesso em 17.04.2022

BENTO XVI. **Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em 12.05.2022

BERGUER, Rupert. **Dicionário de Liturgia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA Português. **Bíblia de Jerusalém**. 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2006.

BÖHNKE, Michael. **O Espírito de Deus na ação humana: pneumatologia prática**. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020. (Coleção Kairós).

BOSELLI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: Edições CNBB, 2017.

BROSSE, Olivier de; HENRY, ANTONIN-MARIE; ROUILLARD, PHILIPPE. **Dicionário de Termos da Fé**. Aparecida: Santuário, 1995.

CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência**. Trad. Antonio Éfro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CODINA, Víctor. **No extingáis el Espíritu. Una iniciación a la Pneumatología**. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, v. 166, 2008.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB. **Liturgia: fonte e ápice da vida e ação da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCILIUM. **Revista Internacional de Teología**. Asian Center for Cross-Cultural Studies. 2011, v. 342. Editora Verbo Divino. Disponível em: <https://verbodivino.es/Libro/2837/senor-y-dador-de-vida-el-espíritu-hoy>. Acesso em 10.04.2022.

CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CORBON, Jean. **Liturgia de fonte**. Trad. de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1981.

COSTA, Valeriano dos Santos. **Espiritualidade Litúrgica: Também na vida vos revistais daquele que vos revestistes no sacramento (Santo Agostinho)**. São Paulo: Revista de Cultura Teológica. v. 13, n. 52 - jul/set 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14957/11153>. Acesso em 22.05.2022.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Trad. Peter Hünermann; José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulus; Loyola, 2007.

DIDAQUÉ. **A doutrina dos apóstolos**. São Paulo: Paulus, 2014.

EUDOKIMOV, Paul. **O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa**. Trad. Fr. José Luís de Almeida Monteiro, OP. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANGIOTTI, Roque. **O Espírito Santo nos padres da Igreja**. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/patristica/o-espírito-santo-nos-padres-da-igreja/>. Acesso em 15.03.2022.

GUARDINI, Romano. **O Espírito da Liturgia**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

IRENEU DE LIÃO. **Demonstração da Pregação Apostólica**. Trad. Ari Luís do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014. – (Coleção Patrística).

_____. **Contra as Heresias**. Trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995. – (Coleção Patrística).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na**

sua relação com a Igreja. Disponível:

https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html. Acesso em 12.05.2022.

_____. **Carta encíclica *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html. Acesso em 10.04.2022.

JUNGMANN, Josef A. **Missarum Solemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana.** Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2008.

KUZMA, Cesar. **O espírito e a esperança: um estudo sobre a relação entre o Espírito Santo e a esperança Cristã na pneumatologia de Jürgen Moltmann.** Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC Rio, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=31084@1>. Acesso em 29.05.2022.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia.** Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

MANZATTO, Antonio; PASSOS, João Décio; MONNERAT, José Flávio. **A força dos pequenos: teologia do Espírito Santo.** São Paulo: Paulus, 2013.

MAQUEDA, Adolfo Lucas. **Espírito Santo e Liturgia.** Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2020.

MARTÍN, Julián López. **A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral.** Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARSILI, Salvatore. **Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico.** Trad. José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2009.

MESQUITA, Wanderley Rodrigues de. **Os textos eucológicos atualizados pelo Concílio Vaticano II e sua adaptação hoje em grupos e igrejas particulares no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18312>. Acesso em 27.04.2022.

MILAK, Nivalda. **A teologia do Espírito Santo em Víctor Codina.** Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC Rio, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21045@1>. Acesso em 18.05.2022.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica: teologia e prática da teologia.** Trad. Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

NIENOV, Ricardo. **Onde está o Espírito do Senhor ali reina a liberdade. Fundamentação pneumatológica e trinitária da liberdade em Jürgen Moltmann.**

Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC-RS, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5882/1/458437.pdf>. Acesso em 10.05.2022.

PAPROCKI, Henryk. **A promessa do Pai: a experiência do Espírito Santo na Igreja Ortodoxa**. São Paulo: Paulinas, 1993. (Coleção teologia hoje).

PARO, Thiago Faccini. **Catequese e liturgia na iniciação cristã: o que é e como fazer**. Petrópolis: Vozes, 2018.

PAULO VI, papa. **Instrução Geral do Missal Romano**. Traduzido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 5ª ed. da 2ª ed. típica. Brasília: Edições CNBB, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Teologia da liturgia – O fundamento sacramental da existência cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

ROUTHIER, Gilles. **La Pneumatologie de Vatican II**. Belo Horizonte: Perspectiva Teológica, v.52, n.2, p.375-392, Mai./Ago. 2020. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4453/4438>. Acesso em 31.05.2022.

SANTANA, L. F. **Liturgia no Espírito. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, São Paulo: Editora reflexão, 2015.

SILVA, Maria Freire. **O Espírito Santo na Teologia Sistemática**. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, n. 24, p.7-15, Jul/Set. 1998, Ano VI. Disponível em: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i24.14607>. Acesso em 01.06.2022

SUENENS, Cardeal Leo-Jozef. **O Espírito Santo nossa Esperança**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1975.

URTASUN, Cornelio. **Las oraciones del misal – Escuela de espiritualidade de la Iglesia (Domingos y solemnidades)**. Barcelona (Espanha): Centre de Pastoral Litúrgica, 1995.

VELIQ, Fabrício. **Na Palavra vivida vive o que é a Vida da Palavra: considerações sobre a relação entre Cristologia e Pneumatologia no pensamento de Joseph Ratzinger**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 686-702, set./dez .2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.27898>. Acesso em 27.05.2022.